

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FAE)

FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS (FIEI)

CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES (CSH)



A juventude Xakriabá: Tecendo a história nas entrelinhas do tempo e no reativamento da memória.

GRADUANDO:

EDVAN SRÊWAKMÔWÊ XAKRIABÁ

BELO HORIZONTE

2021



Edvan Srêwakmôwê Xakriabá

**A juventude Xakriabá: Tecendo a história nas entrelinhas
do tempo e no reativamento da memória.**

Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências sociais e Humanidades, pelo curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG.

Orientadora: Profa. Dr^a. Ana Gomes

Coorientadora: Profa. Ma. Célia Xakriabá

BELO HORIZONTE

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Waptokwazaure por ter me concedido saúde, força, sabedoria e me permitir chegar até aqui. Expresso aqui a minha imensa gratidão àqueles que direta, ou indiretamente contribuíram na realização desse trabalho. Ao meu povo Xakriabá que nunca desistiu de sua luta para que nós pudéssemos hoje estar ocupando e nos empoderando desse lugar de fala.

Ao Conselho Interno de Caciques e Lideranças atual e todos aqueles que já fizeram a transição deste mundo para outro, que através de suas lutas proporcionaram que demarcássemos o espaço das universidades e vários outros espaços. Aos anciões por suas vastas sabedorias. À juventude Xakriabá e em geral às juventudes indígenas pelo compromisso de assumir a luta de seus antecessores, desconstruindo ideias equivocadas e tomando pra si o papel de protagonizar e contar suas próprias versões da história.

Gratidão à minha família que se fez sempre presente me apoiando, em especial ao meus pais, José Fiúza liderança da minha aldeia, que contribuiu diretamente com sua sabedoria, suas histórias de luta e resistência, à minha mãe Durvalina por sua bravura, no sentido de ser uma mulher guerreira, pois tanto ela, quanto meu pai sempre compartilharam o pouco que tinham com seus filhos. Aos meus 6 irmãos, Jorlã, Dulciano, Aparecida, Jair, Yara e José Filho, pela parceria, pela união, companheirismo e por acreditar na minha capacidade de vencer mais essa etapa da minha vida. À minha Tia Chica que sempre foi uma segunda mãe para mim e meus irmãos. À minha esposa Janaíne e minha “pequena” filha Tka Wirê Xakriabá por estar sempre comigo tornando meus dias melhores.

A todo grupo FIEI, aos professores pela preocupação conosco, pelo carinho, pela transmissão de seus conhecimentos a nós, pela paciência. Todos se tornaram muito especiais, mas não poderia de deixar de lembrar o nome do coordenador da turma CSH, Pedro Rocha que não mediou esforços para nos guiar nessa jornada, o cara que quebrava o clima pesado de toda aula, todo momento com sua paciência e leveza na sua fala e no seu modo de agir. Aos bolsistas de todas turmas que tinham o papel de nos auxiliar, mas a meu ver, já são professores e nos deram toda assistência possível. Aproveito para expressar aqui gratidão a Victória Carolina, bolsista da turma CSH, que me ajudou na formatação final deste trabalho.

À minha orientadora Ana Gomes e coorientadora Célia Xakriabá por me ampararem em todos os momentos, me proporcionando trilhar esse caminho, lapidando as minhas ideias e tornando esse trabalho possível. A todo grupo que compunha o Colegiado do FIEI, ao qual serei eternamente grato por ter participado praticamente durante toda minha trajetória na universidade. À secretaria através da Luciana, que nos atendia com tamanha gentileza.

Às turmas CVN, LAL, MATEMÁTICA, em especial a todos os meus amigos irmãos da turma CSH, parentes Pataxó, Maxakali e meus conterrâneos Xakriabá. Podem ter certeza que vocês não irão ficar apenas na memória e sim na história. Se o fim deste ciclo nos separa, a continuação da jornada da luta nos proporcionará reencontros. Gratidão por partilhar a sabedoria de vocês, as suas histórias, em todos os momentos, isso agregou não só na minha formação profissional, mas também na formação de vida.

Se através das minhas palavras eu esqueci de citar alguém peço desculpas, mas de toda forma, sintam se todos agradecidos, pois não tenho palavras suficiente para expressar o quão grande é minha felicidade por ter percorrido esse caminho com todos vocês.

Waitê warō wawê ahiantā kbure!

Ariantā kankehe akwā!

RESUMO

O presente trabalho busca compreender os processos organizacionais da Juventude Xakriabá diante dos confrontos, buscando traçar novas estratégias de luta para se fortalecer. A proposta é também apresentar elementos empíricos sobre como a juventude tem conquistado espaço de ação e elaboração de propostas que visam fortalecer o coletivo nas caminhadas, principalmente no que diz respeito às retomadas do restante do território tradicional Xakriabá. Nesse sentido, busquei destacar o compromisso da juventude reafirmado frente aos pilares da luta e sua resistência em assumir fortalecer as nossas bases e elucidar, por meio do reativamento da memória, os fatos históricos da luta do povo Xakriabá.

PALAVRAS CHAVE: Juventude Xakriabá, Retomadas, Reativamento da Memória, Luta Indígena, Resistência Indígena.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATL: Acampamento Terra Livre

E.E.: Escola Estadual

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

MG: Minas Gerais

TIX: Terra Indígena Xakriabá

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

FIEI: Formação Intercultural Para Educadores Indígenas

LAL: Línguas, Artes e Literatura

CVN: Ciências da Vida e da Natureza

CSH: Ciências Sociais e Humanidades

FAE: Faculdade de Educação

ASB: Auxiliar em Saúde Bucal

BH: Belo Horizonte

RURAL MINAS: Fundação Rural Mineira

CODEVASF: Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco

CIMI: Conselho Indigenista Missionário

CAA-NM: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas

UFPA: Universidade Federal do Pará

CTL: Coordenação Técnica Local

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Edvan Srêwakmôwê Xakriabá – Foto: Jair Silva Xakriabá.	10
Figura 2: Edvan Srêwakmôwê Xakriabá, fazendo pintura corporal de urucum e jenipapo	22
Figura 3: Barragem na Aldeia Itapicuru, divisa entre a Terra Indígena Xakriabá São João das Missões e Manga	28
Figura 4: Barragem na Aldeia Itapicuru vista de cima	29
Figura 5: Mapa da Terra Indígena Xakriabá, Xakriabá-Rancharia, área reivindicada em estudo e arredores	31
Figura 6: Casa do Cacique Rosalino que estava em construção	34
Figura 7: E.E Indígena Bukikai, Aldeia Itapicuru	40
Figura 8: Aikte Xakriabá (Crianças Xakriabá) no movimento em memória dos mártires na aldeia Itapicuru	49
Figura 9: Faixa de aviso no acesso aldeia Itapicuru, representando uma das primeiras ações realizada	56
Figura 10: Um dos grupos de guerreiros Xakriabá atuando nas barreiras	57
Figura 11: Cronograma de Monitoramento Escola Bukikai – Barreira Acesso Aldeia Itapicuru.	59
Figura 12: Cronograma de Monitoramento Escola Mambuka – Barreira Acesso Aldeia Itapicuru.	60
Figura 13: Representação da ficha usada na coleta de dados do Monitoramento.	61
Figura 14: Experiência teste para aplicação das fichas do Monitoramento Comunitário Xakriabá	62
Figura 15: Representação da planilha utilizada para lançamentos de dados do Monitoramento Comunitário.	63
Figura 16: Boletim informativo da Terra Indígena Xakriabá	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Breve história que meu pai e tios contam sobre desafios e dificuldades durante a infância	12
A escola e as conquistas na educação	15
Cursos durante minha trajetória escolar e o FIEI.....	16
CAPÍTULO 1. ASPECTOS GERAIS SOBRE A TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ E AS SUCESSIVAS INVESTIDAS SOBRE O TERRITÓRIO: IDENTIDADE E LUTA	21
1.1 – Processo histórico sobre o Território Indígena Xakriabá	23
1.2 - Barragem Itapicuru: Pensando a disputa histórica pelos recursos hídricos.....	27
1.3 - Descrição do território: Mapa sobre o território	30
1.4 – Dazakru Wdêwairôwaktû are Durkwa.....	33
CAPÍTULO 2 – JUVENTUDES INDÍGENAS: DAS CONCEPÇÕES SOBRE O TERMO AOS DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO	36
2.1 – Conceito “Juventude” no território Xakriabá: Uma visão acerca do termo até as concepções atuais.....	36
2.2. Mobilização e participação da juventude Xakriabá na luta pelos múltiplos territórios.....	38
2.3. Desafios das “juventudes indígenas” no mundo contemporâneo	41
2.4. Tecnologia como ferramenta de luta: Descolonizando mentes e demarcando mundos	44
CAPÍTULO 3 – “NÓS SOMOS PORQUE NOSSOS MAIS VELHOS FORAM”	46
3.1. Dia 12 de fevereiro: Luta, memória e resistência do povo Xakriabá.....	46
<i>José Nunes Xacriabá</i>	<i>47</i>
<i>Lamento a perda do meu pai</i>	<i>47</i>
3.2. “Ou nós vamos para a luta, ou a luta vai até nós”	50
3.3. Primeiro encontro da juventude Xakriabá	51
Reunião da Juventude Xakriabá, Caciques e Lideranças	53
Aldeia Prata 19/07/2021 13 horas da tarde	53
Local: Casa da liderança da aldeia Prata, Sr. Valdemar.....	53
CAPÍTULO 4 – BARREIRA, MONITORAMENTO E ENFRENTAMENTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA.....	55
4.1. As principais ações frente à ameaça da COVID-19	55
4.2. Monitoramento comunitário na Terra Indígena Xakriabá	58

Figura 11: Cronograma de Monitoramento Escola Bukikai – Barreira Acesso Aldeia Itapicuru.....	59
Figura 13: Representação da ficha usada na coleta de dados do Monitoramento. 61	
4.3. Resultados obtidos	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO



Figura 1: Edvan Srêwakmôwê Xakriabá – Foto: Jair Silva Xakriabá.

Eu sou Edvan Srêwakmôwê Xakriabá, sou membro do Povo Indígena Xakriabá e tenho 24 anos, nasci na aldeia Brejo. Tenho 6 irmãos, 2 mulheres e 4 homens. Comecei a estudar com 5 anos de idade na escola da minha aldeia (Itapicuru) no ano de 2002, com professores aqui mesmo da aldeia. A escola da minha aldeia era um dos anexos da Escola Bukimuju localizada na aldeia Brejo Mata Fome. Em meio à dedicação e aos estudos, meus pais delegavam algumas tarefas para nós, como trabalhar na roça, cuidar dos animais, coletar frutos, cuidar de alguns afazeres de casa, dentre outros.

De acordo com as narrativas dos mais velhos, o povo Xakriabá tinha como forma de subsistência a caça, a pesca, o plantio de pequenos roçados e principalmente a coleta de frutos. Nossa língua pertence ao tronco linguístico Macro-jê, com a subdivisão Akwê juntamente as línguas dos povos Xavante e Xerente. Tratados como a família linguística Jê, são considerados povos parentes, já que no passado podem ter formado um só povo até que houve a divisão ao longo do tempo.

O povo Xakriabá tem como protetora a Yah Yah Caboca, nossa avó, figura que rege os aspectos cosmológicos do nosso povo e é também a dona das matas, protetora do território, guardiã de todos os segredos do nosso povo.

[...]espírito protetor que vagueia pela mata em forma de onça pintada, e que se transforma em “índia” para se misturar com o povo Xakriabá nos momentos de reza e oração. Ela se apresenta para pessoas que realmente merecemvê-la, como líderes espirituais como pajé, e fica invisível aos olhos dos estranhos e pessoas que não a mereçam. ABREU, Werly Pinheiro (Dogllas), 2018, p, 11.

A Yah Yah Caboca é capaz também de se transformar em outros bichos. Os mais velhos contam que ela é “encantada” e que nem todos conseguemvê-la, mas que acima de tudo devemos respeitá-la, caso contrário seremos cobrados por nossa desobediência. Agradar a nossa protetora com algumas oferendas também fortalece esse vínculo. Somente as pessoas realmente preparadas conseguem invocá-la através dos rituais Xakriabá.

Nascido precisamente em 18 de maio de 1997. Como dizem por aqui, sou um “jovem” liderança. Sou filho de liderança indígena atuante desde muito jovem. Aprendeu a ler e escrever em casa de família num curto período de tempo, pois diante de tanta dificuldade foi preciso fazer escolhas ao longo de sua trajetória, até mesmo pelo fato de que na época não haviam escolas na região, nem mesmo o território havia sido demarcado ou homologado. Mas a sabedoria dos nossos anciões e a força dos encantados era/é o que fortalece o coletivo do nosso povo, suprindo a ausência daquilo que não temos.

Minha mãe por sua vez é dona de casa, não frequentou a escola, porém é conhecedora da ciência, da sabedoria tradicional que é o que temos de mais valor, pois apesar do conhecimento ocidental ter moldado muitos conceitos daquilo que consideramos valoroso para nós, a nossa essência de acreditar e valorizar o que nos é passado pelos nossos “troncos velhos” permanece.

Muito me orgulho por ser neto de importante sábio do meu povo, Vicente e Olívia (*in memoriam*) que nasceram, cresceram e residiam em uma das aldeias onde houve um dos maiores conflitos da luta pela terra e pelo direito à vida e tinham como marca de sua cultura: a sabedoria, o espiritualismo e a forte ligação com os nossos encantados como marca de sua identidade.

Aqui nesta breve apresentação me refiro aos meus avós maternos primeiramente pelo fato de eu ter tido a oportunidade de conhecê-los e aprender muita coisa com eles,

mas sinto também a necessidade de deixar registrado os nomes dos meus avós paternos, Florêncio e Patrocínia (in memoriam), ambos nascidos neste território. Apesar de ter aprendido com eles diretamente, a história de vivência deles contada por meu pai e tios é algo que me inspira. Meu pai conta que eles foram grandes troncos de sabedoria e resistência. Viviam mais do cultivo de suas roças, coleta de frutos e da troca de “mercadorias” com os vizinhos e da pesca em alguns pontos. Não existia mercado de venda interno na época.

Breve história que meu pai e tios contam sobre desafios e dificuldades durante a infância

O meu pai, tios e tias relatam que no ano de 1952 o território passava por uma grande seca e que meus avós falavam que quando começava uma grande seca como a que estavam passando, durava no mínimo sete anos até que a chuva voltasse ao normal. Neste respectivo ano supracitado, meus avós com todos os seus filhos tiveram que se mudar de onde moravam, um lugar que compreendia como vegetação principal o cerrado, para um lugar próximo à região de Miravânia, também com praticamente o mesmo tipo de vegetação, porém com mais água, pois havia várias nascentes. Este lugar se chama Mamona, cabeceira do rio Japoré.

Esse pequeno pedaço de terra para onde se mudaram, era uma terra arrendada com um fazendeiro, mais propícia para o cultivo, pois tinha mais água, o que o povo aqui chama pelo nome de “embrejado”. A família do meu pai entrou em um acordo com o fazendeiro sobre o arrendamento da terra, onde 1/3 (um terço) do que era produzido seria do fazendeiro “dono da terra”.

Eles plantavam arroz, milho, batata, mandioca, feijão, abóbora, melancia, dentre outros, além de produzir farinha, rapadura e coletar frutos do cerrado. Passados aproximadamente dez anos, o fazendeiro já não disponibilizava mais terras para a família fazer o plantio, permanecendo apenas no espaço que já tinham cultivado. Isso dificultou um pouco a situação, pois segundo meu pai, não dava para cultivar apenas em um espaço por vários anos, já que a terra precisa de descanso, caso contrário, a terra fica fraca, consequentemente produzindo menos ou tornando-se improdutiva.

Foram dez longos anos, até que em meados do ano de 1962, Pedro de Gerome, que era o “chefe” das terras considerada tradicionais dos Xakriabá, foi visitar a família.

Segundo meu pai, Pedro teria ido chamar os meus avós juntamente com toda a família para voltar para as terras dos Xakriabá, pois o povo estava aumentando, começando a ficar apertada e invadida por fazendeiros, latifundiários e grileiros de terra.

Somente no início do ano de 1964 a família dos meus avós retornara para o território, desta vez para uma outra região do território onde a vegetação predominante era a mata seca, lugar onde residem até hoje. Nesta época, a chuva já tinha voltado ao normal e foi quando as lutas se intensificaram pela retomada do território.

Sempre estive inserido no contexto educacional tradicional e no fortalecimento da cultura desde a minha tenra idade, a partir da minha família, lideranças e anciões do meu povo. Aos poucos com o passar do tempo, ouvindo histórias da luta de várias pessoas do meu povo, principalmente dos familiares, mais despertava em mim o desejo de seguir os passos, os ensinamentos daqueles que me inspiravam.

Sempre admirei a história de luta pelo qual meu povo resistiu até hoje e, no meu pensamento, assumir esse compromisso de seguir firme com essa resistência é algo que irá inspirar vários outros futuramente. Como diz o sábio liderança Sr. Valdemar Xakriabá: “Nós mais velhos, não deixamos nada de valor material para nossos filhos. Na nossa falta, o que resta e fica de herança é a luta; e essa, ela nunca acaba”.

Sou o terceiro de sete filhos dos meus pais. Moro na Aldeia Itapicuru (Dazakru Wdêwairôwaktû), aldeia antigamente chamada pelo nome de aldeia Sapé (Dazakru Durkwa), comunidade que está localizada próximo à margem esquerda do Rio São Francisco no município de São João das Missões, extremo Norte de Minas Gerais. A aldeia na qual eu moro situa-se no limite/fronteira da Terra Indígena Xakriabá. De um lado aldeia Itapicuru – São João das Missões; do outro uma comunidade chamada Alto Tamarindo – Manga MG. Pelo fato da minha aldeia fazer divisa com o lado não indígena algumas coisas dificultam, como no processo de conter a disseminação de bebidas alcoólicas, entrada de pessoas estranhas, livre acesso a diversos tipos de jogos, dentre outras dificuldades na qual nos deparamos.

A aldeia Sapé que eu cito foi palco de um dos maiores conflitos da luta pela terra protagonizado pelos indígenas Xakriabá contra fazendeiros, latifundiários e grileiros de terra. Destaco que não era só a luta pela terra, mas também pelo direito de existir/subsistir mantendo sua cultura, crenças e modos de vida próprio. O ápice desses conflitos ocorreu no dia 12 de fevereiro de 1987, quando fazendeiros e grileiros de terra invadiram a residência do Cacique Rosalino às 2 horas da madrugada empunhando armas de fogo, dentre vários outros tipos de armamentos. Nesse ataque acabaram assassinando três

indígenas: Rosalino Gomes de Oliveira (Cacique), Manuel Fiúza da Silva e José Pereira Santana. Esse acontecimento posteriormente culminou na conquista de parte do território de origem, aproximadamente 46.000 hectares, o que representava apenas 30% do território tradicional do povo Xakriabá. Mais tarde, no de 2003 foi acrescentada uma outra área de aproximadamente 7.000 hectares, totalizando 53.000 hectares demarcados e homologados.

Ressalto ainda que, embora eu tenha destacado a aldeia Sapé como um dos principais pontos centrais na luta Xakriabá, episódios semelhantes e marcantes que aconteceram ao longo dos tempos, também causaram muitos impactos nos modos de “ser e viver” Xakriabá. Muitos desses episódios de certa forma moldaram alguns aspectos do nosso povo, seja ele pelo que nos foi dado/imposto, ou pelo que nos foi retirado.

Nasci 8 anos após a chacina que aconteceu no ano de 1987. Falar deste fato marcante é algo que me desafia, tanto pelo fato de eu ainda nem sequer ter nascido na época, quanto pela nostalgia que adentra sobre mim em tocar em um assunto marcado de forma trágica. Foi uma perda irreparável de guerreiros do meu povo. Uma perda familiar que, por ironia do destino, impediu que eu tivesse a oportunidade de conhecer aqueles que a todo momento sabiam do perigo que seria defender seus direitos, mas mesmo diante de todas as ameaças, não se esquivaram da luta.

Na minha infância muito me surpreendi com algumas descobertas e por muitas coisas que minha família me apresentava sobre a cultura e tradições do meu povo. Na escola, nas aulas de Cultura especificamente, me adentrei a fundo na produção de pequenos artesanatos, nos traços do grafismo Xakriabá e seus significados e ao passo em que fazia novas descobertas, mais o meu interesse em conhecer coisas novas despertava em mim. Produzir pequenos artesanatos também é uma das especialidades do meu pai, deste modo essa introdução partia dos ensinamentos de casa.

Desde muito cedo meu pai e minha mãe instruíram a mim e meus irmãos como era o ser Xakriabá, como num processo de iniciação, mostrando tudo que precisávamos ver ou participar. Mas nos proibiam de algumas coisas, pois diziam eles que ainda não tínhamos idade para conhecer tais “coisas” e que no momento certo iriam nos apresentar algo que talvez nem veríamos, mas quem tivesse boa espiritualidade poderia sentir e ver. Isso se dava de forma espontânea principalmente ao redor das fogueiras. São ensinamentos que vem de berço.

Lembro-me como se fosse hoje, mesmo muito pequeno ainda na época... muitas vezes presenciei a visita do saudoso cacique Rodrigão em casa. Naquilo surgia muitas

coisas com a honrosa presença do cacique, mas não podíamos presenciar alguns momentos. Com o tempo, meu pai mostrou que melhor do que o anseio de ver aquilo que de certa forma é invisível para quem não está preparado espiritualmente, é poder se fortalecer de corpo e espírito e sentir a energia positiva dos encantados em nós quando se estiver realmente preparado.

Hoje moro com minha esposa, tenho seis irmãos, são eles: o Jorlã, o Dulciano, a Aparecida, o Jair, a Iara e o José Filho que é meu irmão caçula. Atualmente trabalho como Professor Bibliotecário na escola da minha aldeia, onde faço um pouco de tudo, desde organizar e guardar os livros a ajudar os professores dando aulas de reforço para os alunos que têm sérias dificuldades de aprendizagem. Faço parte de várias organizações internas, por exemplo: Colegiado Escolar, Associação Comunitária, Conselho de Saúde Local e também do Grupo de Jovens Indígenas Xakriabá, no qual sou um dos representantes e mobilizador.

Bem... São muitas as memórias, posso dizer que minha infância foi ótima desde as coisas boas que aconteceram, até as mais desagradáveis, porém agradeço muito pelo que vivi durante a minha infância e tenho tido a oportunidade de vivenciar até hoje. Meus pais, minha tia nunca me davam mais ou menos, sempre o suficiente. Então não fui criado com regalias, eles me ensinaram a viver a partir das práticas culturais do meu povo, tais como plantar, coletar, fazer artesanato, pescar dentre outras responsabilidades que cabe uma criança indígena Xakriabá. As coisas boas eu aproveitei bastante e as coisas ruins e dificuldades eu superei.

A escola e as conquistas na educação

A escola em que iniciei minha educação escolar foi construída na década de 80 na aldeia Itapicuru, mais precisamente no ano de 1981, ainda sob a jurisdição do município de Itacarambi e inaugurada apenas no ano seguinte, 1982. Foi a primeira escola construída dentro do Território Xakriabá, sendo ela sustentada pela administração municipal. Nessa época a terra ainda se encontrava fragilizada pelos constantes ataques de fazendeiros, latifundiários e grileiros de terra, sendo um dos principais patrocinadores dessas invasões e ataques naquela época, o atual prefeito de Itacarambi, que inclusive dizia ter direitos sobre as terras do povo Xakriabá.

A estrutura da escola construída à base de alvenaria resiste ao tempo até hoje. Apesar de a escola ter sido construída na época em que até mesmo a terra estava em processo de homologação, vários conflitos aconteciam frequentemente. Os indígenas Xakriabá viam na educação escolar uma forma de se revolucionar diante do cenário em que se tinha, apesar de todo corpo docente da escola ser regido por pessoas não indígenas.

Na década de 90 – depois de ter acontecido o grande massacre dos indígenas Xakriabá no ano de 1987, culminando na morte de três indígenas, com a emancipação do município de São João das Missões, a escola passou para competência estadual, e era dirigida pelo ex-prefeito José Nunes. Foram tempos de reconstrução, em que o Povo Xakriabá conseguiu o Magistério Indígena com a parceria da UFMG e a luta árdua, passando a ter toda equipe própria com pessoas da comunidade que atuavam nas escolas indígenas. Começava ali uma nova etapa da educação dentro território Xakriabá e para o povo Xakriabá.

A escola atualmente é estadual, assim como todas as escolas construídas atualmente dentro do território. Foi uma grande conquista para que as escolas Xakriabá passassem a ser competência do Estado, assim como todas as escolas indígenas de Minas Gerais, pois até então a escola passou muitos anos num processo de dominação e aculturação em relação aos povos indígenas. A educação escolar indígena e diferenciada teve início no de 1997, com a persistência de professores Xakriabá que ainda estavam em processo de formação pelo Magistério Indígena.

Cursos durante minha trajetória escolar e o FIEI

Pensando em agregar mais na minha formação, fui motivado pelos meus familiares, colegas e até mesmo professores a fazer alguns cursos quando ainda cursava o ensino médio. Um desses cursos foi o de informática. Iniciei esse curso no ano de 2013 e concluí em 2014. Se estendeu por 1 ano e dois meses. Fazia o curso duas vezes por semana durante o dia e estudava a noite. O curso era na cidade de São João das Missões. Minha tia pagava o curso pra mim, pois meu pai não conseguia arcar com os custos.

Final de 2014 eu me formei no ensino médio e com isso já conseguia vislumbrar vários caminhos a seguir. Em 2015 logo após ter me formado, ingressei num curso de ASB (Auxiliar em Saúde Bucal). O curso se estendeu por seis meses. Nesse mesmo ano fiz pela primeira vez a prova para ingresso no FIEI, mas para minha frustração não fiquei

entre os classificados. Em meados de 2015, surgiu uma vaga de professor bibliotecário na escola sede recém criada na minha aldeia.

Naquela oportunidade, a exigência para ocupar o cargo, era ser formado no 3º ano do ensino médio e ter pelo menos um curso de informática. Só eu e uma moça que estávamos aptos a assumir o cargo, porém a moça estava com problemas de saúde e como eu já acompanhava muitos movimentos dentro e fora do território, conhecido pelas lideranças, coloquei meu nome para apreciação e fui indicado a assumir mais uma responsabilidade.

Tudo foi acontecendo muito rápido. Nessa época eu já acompanhava vários movimentos aqui no território e fora também. No ano de 2016 voltei a tentar ingresso no FIEI, novamente sem sucesso. No de 2017 fiz minha inscrição novamente, pois sabia que o ingresso na universidade, especialmente no FIEI, iria contribuir muito na minha formação docente, como pessoa e agregar o conhecimento advindo através da interculturalidade proporcionada pelo curso, era e é algo que sempre quis.

Pensando nessa oportunidade, consegui ingressar no FIEI e na área de conhecimento que mais me agrada, as Ciências Sociais. Em primeiro momento, quem me parabenizou primeiro foram os meus professores, com quem estudei durante vários anos e muitos deles naquele momento já tinha se tornado também meus companheiros de trabalho. Foi algo que marcou minha vida e continua marcando de forma espetacular.

Após ingresso no FIEI, muitas coisas novas foram aparecendo. A organização por detrás das viagens a BH e a própria forma de como os estudantes Xakriabá se organizavam ao chegar no hotel e na faculdade, algo que até então era desconhecido por mim. Logo no primeiro módulo de curso me falaram sobre a representação estudantil e como um dos estudantes Xakriabá que era representante estava quase concluindo o curso, ele teria que se afastar e os estudantes Xakriabá indicarem outro da nova turma que ingressava naquele momento, levar o nome para apreciação das lideranças e assumir a posição. Fui indicado e as lideranças aprovaram a indicação. Algo novo, experiências novas, mais responsabilidades e isso pra mim me fez sentir verdadeiramente como parte do FIEI.

Digo que enfrentar esse espaço desconhecido por muitos sempre será um desafio. Temos que entender que a universidade também é um espaço para nós povos indígenas continuarmos retomando e demarcando. Indigenizar o espaço da universidade, o espaço acadêmico não é fácil, mas a luta dos nossos ancestrais para fazer com que resistíssemos até hoje foi ainda mais difícil. O FIEI em especial abre as portas para que possamos

vislumbrar um futuro da diversidade, da interculturalidade entre os povos, dessa troca de experiência incrível. Mas digo também que essa “Universidade” poderia ser o espaço da “Multiversidade”, para assim dar conta também da diversidade de povos, culturas, num país que é multicultural, mas não as reconhece como tal.

Desde criança sempre gostei de estudar, gosto das coisas que nos propõem a enfrentar novos desafios e não desisto até superá-los. E fazer a prova da UFMG para o curso FIEI na área de habilitação Ciências Sociais e Humanidades foi um desses desafios. Dentro do curso, os professores me fizeram perceber ainda mais, o quanto a Educação Indígena Diferenciada é importante.

A faculdade é um espaço onde é preciso, mais do que marcar, é demarcar esse espaço, fortalecendo a nossa luta por um direito que é nosso. Foi nesse espaço que também tive uma experiência sensacional que foi palestrar junto com colegas Xakriabá, numa outra faculdade, onde falamos sobre o nosso povo, sobre as nossas lutas e como era a nossa visão da importância da educação para nós indígenas.

Dentro do FIEI logo se iniciou a conversa sobre o TCC. Os professores nos orientaram a irmos pensando a questão do tema que queríamos abordar no trabalho final. Daí já me veio na memória que queria falar sobre a Juventude Xakriabá, para assim não precisar distanciar das mobilizações as quais eu já estava acostumado. Um amigo Xakriabá também se interessava pelo tema, o Valdinei.

Mais tarde, orientado pela liderança de sua aldeia, ele optou por se juntar com outros colegas que iriam desenvolver um trabalho relacionado diretamente com a aldeia Sumaré I, na qual ele reside. Um dos principais imprevistos que interferiu diretamente na realização desta pesquisa foi a pandemia do Covid-19, que impediu que acontece diversas atividades que eu usaria como base. Com isso vieram diversas atividades dentro do território que não estavam dentro dos planos. As orientações de forma remota as quais eu não estava acostumado e nem preparado me fizeram pensar se realmente iria conseguir, mas graça a Waptokwa deu certo.

Desenvolvi então minha pesquisa com o objetivo geral de compreender os processos de organização e engajamento nos processos de luta, traçando o desenvolver desse engajamento. O mesmo tem como objetivo também de viabilizar como se deu essa organização ao longo do tempo. Neste trabalho busco apresentar a história de luta do povo Xakriabá e participação da Juventude nesse processo, destacando algumas pessoas que fizeram frente à luta pelo território e pelo direito de ser livre, tecendo a história do povo Xakriabá.

Os objetivos específicos foram se configurando ao longo do processo e foram eles:

- Observar as articulações;
- Descrever como é a relação com os mais velhos/lideranças e caciques;
- Identificar os aspectos dessa organização;
- Relacionar os processos de lutas atuais, com os passados;
- Observar as perspectivas do fortalecimento nessa trajetória;
- Apresentar registros fotográficos;
- Acompanhamento e observações;
- O enfrentamento da luta pela terra no atual contexto;
- Grupos de jovens nos confrontos e na cultura;
- Atuação nas frentes de luta;
- Tecnologias – visando metodologias de uso e como isso tem ajudado nas estratégias e os impactos causados com relação aos jovens;
- A juventude e a organização interna caminhando juntos;

Diante desse novo cenário político em que se vive no Estado Brasileiro é importante que se viabilize os processos de luta da juventude indígena, uma vez que os mesmos são peças fundamentais na reinvenção de novas estratégias para o enfrentamento. É de extrema importância relacionar esses atuais processos de luta, com os processos de lutas e resistência durante a trajetória do Povo Xakriabá e dos povos indígenas de um modo geral ao longo do tempo. A juventude tem exercido um papel fundamental nos processos de luta atualmente. Reescrevendo a história dos povos indígenas, até então contada pelos brancos. Desconstruindo estereótipos, construindo novas visões, desconstruindo o pensamento colonial, refazendo o pensar de forma coletiva.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos e foi feito a partir de minhas próprias vivências. No capítulo 1, apresento o território Xakriabá, movimentos que marcaram a memória do nosso povo, destacando a luta e resistência ao qual foi submetido. Falo um pouco sobre minha aldeia e seu entorno. No capítulo 2, procuro trazer elementos geradores de um entendimento do termo Juventude no território, mobilização, participação, contribuição, e desafios enfrentados.

No capítulo 3, apresento concepções a fim de enfatizar que nossas conquistas só foram possíveis graças aos nossos ancestrais que abraçaram a luta como única saída. O

capítulo 4 foi elaborado a partir de uma das ações realizadas no Território Indígena Xakriabá, frente aos avanços da pandemia.

CAPÍTULO 1. ASPECTOS GERAIS SOBRE A TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ E AS SUCESSIVAS INVESTIDAS SOBRE O TERRITÓRIO: IDENTIDADE E LUTA

O Território Indígena Xakriabá é marcado por um povo que carrega consigo a marca de sua resistência e espiritualidade. A identidade do Povo Xakriabá é muito ligada ao seu território de origem. Muito se diz por parte de uma boa parcela da sociedade: “porque insistem em querer mais terras, em retomar terras que nunca foram deles?”; e também a velha frase: “é muita terra pra pouco índio”. Ora, para nós indígenas sempre foi e sempre será para além de Terra ou Território, é o nosso lugar de pertencimento como relata Célia Xakriabá (2018, p. ...): “A relação que temos com o território não é uma relação da terra como matéria, é uma relação ancestral do território como corpo e espírito”. É para nós aquilo que é para além de uma visão simples e vazia. O chão que pisamos não é só o que nos dá sustento, nos dá alimento é o espaço que nos traz a paz, nos fortalece fisicamente e espiritualmente, nos reconecta com as nossas forças espirituais e ancestrais.

A identidade Xakriabá é algo inerente que está ligado a diversos elementos culturais que caracterizam a resistência Xakriabá, como relata Célia Xakribá:

A identidade Xakriabá é caracterizada pela mistura de diferentes elementos culturais, em especial aqueles que designam as formas de resistência de nossa identidade. Dentre estes se destacam a pintura corporal, os traços da retomada Akwen presentes nos cantos e rituais tradicionais, a expressão da oralidade com marcas da melodia, a força da palavra e do diálogo, além das formas de auto-organização e estratégia política. Essa identidade se faz presente no nome “**Xakriabá**” que, segundo alguns, significa “bom de remo”. Contam que na época do contato inicial com os não indígenas, quando nosso povo percorria vários territórios - desde as margens do rio Tocantins até o São Francisco -, só conseguiam atravessar aqueles grandes rios os que eram “**bons de remo**”. (CORREA XAKRIABÁ, 2018, p25).



Figura 2: *Edvan Srêwakmôwê Xakriabá, fazendo pintura corporal de urucum e jenipapo – Foto: Jair Silva Xakriabá*

Dentre os vários elementos que fortalecem o ser Xakriabá, Célia Xakriabá destaca a pintura corporal e a retomada do dialeto ancestral através de movimentos que fortalecem a cultura e a identidade. A pintura por exemplo, é algo que para nós não tem só a função de pintar o corpo e sim é um ato de fortalecer o espírito, protegê-lo como se fosse uma veste/escudo, dentre as várias outras concepções acerca do ato de se pintar que o povo Xakriabá considera cabível. E assim como foi dito, o fortalecimento da língua ancestral do nosso povo é algo que está muito presente nos nossos rituais, bem como nas nossas rezas e benzimentos.

1.1 – Processo histórico sobre o Território Indígena Xakriabá

O processo de contato do Povo Xakriabá com a sociedade, assim como para a maioria dos povos indígenas do Brasil, foi marcado por lutas, violência, conflito e perdas. Algumas irreparáveis, e outras que são carregadas na marca de sua identidade até hoje.

Desde a invasão das terras “brasileiras”, o povo Xakriabá teve seu primeiro encontro com os bandeirantes/missionários de forma violenta, algo que nem mesmo o tempo apaga as cicatrizes das feridas deixadas daquela época. Mesmo após séculos, o que nossos ancestrais passaram é algo herdado por nós através das histórias, um barulho intermitente que soa nas nossas mentes.

Nos tiraram do nosso território ancestral para fortalecer a mão de obra escrava. Nos proibiram de falar nossas línguas por medo de idealizarmos planos de fuga, ou mesmo um contra-ataque. Nos impediam e reprimiram para que não fizéssemos nossos rituais sagrados. Nos mataram como forma sinalizar que eram eles que estavam no controle. Com tudo isso roubaram uma boa parte de nossa identidade. Então, a luta hoje tem sido também por reafirmação de nossa identidade, pelo direito de viver de acordo nossos costumes e crenças, direito esse que tem sido sequestrado todos os dias, a todo momento. Através de nossos pais, avós e anciões, hoje conhecemos boa parte das nossas lutas, da nossa história.

A conquista marcante na Constituição de 1988 representou um grande e importante avanço para os povos indígenas, pois criou um sistema de normas a fim de proteger os direitos e interesses indígenas. Porém não impedi que – assim como no passado que usurparam nossos direitos, dizimaram povos inteiros pela força da ganância – hoje através de leis políticas autorizando o genocídio em massa de nossos povos, nós povos indígenas do Brasil continuamos sendo forçados a regar cada pedaço deste chão com nosso sangue.

“Ah, mas é muita terra pra pouco índio. Não são necessárias novas demarcações”. Esse é um dos principais discursos pregados pela maioria da sociedade brasileira, principalmente os políticos, grandes empresários do agronegócio, invasores das terras indígenas. Vendem fácil esse discurso de que os povos indígenas não precisam mais das demarcações de seus territórios. Ora, mesmo as terras demarcadas e homologadas estão sendo atacadas e invadidas todos os dias. Criaram leis para dizer que nos protegem, ao

mesmo passo que flexibilizam a entrada de mineradoras, garimpeiros, madeireiros dentro de nosso território. O genocídio continua, mas com armas sofisticadas.

A conquista do território em que vivemos hoje é reflexo dos inúmeros casos de várias outras etnias indígenas do Brasil, onde os processos de luta e resistência pela retomada e retirada de posseiros se acirraram e acabaram com um desfecho trágico, onde deveria ter presente os órgãos que se dizem “protetores” dos povos indígenas para efetivarem a retirada desses invasores. Desde a conquista de direitos na Constituição de 1988 dos trechos que competem aos “índios”, as retomadas dos territórios tradicionais de várias etnias indígenas do Brasil tem sido cada vez mais violentas. Até mesmo nos territórios já demarcados e homologados tem se acirrado cada vez mais o conflito e as invasões. O dito Estado Brasileiro a quem competia demarcar, homologar e proteger os territórios indígenas, tem alimentado e fomentado esses ataques aos povos indígenas.

A TIX e TIX/Rancharia são hoje duas extensões do território tradicionalmente ocupado pelo povo Xakriabá, no qual o povo já não consegue manter a subsistência através da soberania alimentar, pois a geografia do território em sua maioria é de áreas rochosas e pouco produtivas, e devido à baixa quantidade de chuvas que tem diminuído a cada ano. Além de boa parte ser ocupado por moradias.

Consta em registros históricos que o território em que o povo Xakriabá está localizado hoje foi uma “doação” feita por Januário Cardoso de Almeida, filho de Matias Cardoso, fazendeiro e então “administrador dos índios da Missão do Snr. S. João do Riaxo do Itacarambi”, feita no ano de 1728. Contudo, na época a terra “doadá” não representava 70% do Território tradicional habitado pelo povo Xakriabá, que foi invadido pelo mesmo e por vários outros fazendeiros. O território teve definido seus limites em documento, onde o povo Xakriabá foi aldeado naquele local. Contudo, aquilo era apenas uma estratégia com o propósito de garantir a mão de obra fácil dos indígenas, forçando-os a trabalhar, reunindo todos em um só local, como consta no “termo de doação” em documento firmado no “Arraial de Morrinhos” em 10 de fevereiro de 1728. Januário Cardoso ordenou que os indígenas fossem reunidos em só local com a intenção de doutriná-los.

Januário Cardoso de Almeida Brandão deministrador dos Indios da Missão do Snr S. João do Riaxo do Itacaramby Ordena o Cap. [m] Mandante Domingos Dias ajunte todos os índios tantos maxos como feméas Q andarem por fora p[a] ad-missão com zello e cuidado os que forem rebeldes fará prender com cautela para irem para ad-missão Copio e Christão e zello, Mandando-lhe ensinar a Doutrina pellos os q- mais soberem os doutrinatos que vivão bem e se cazem os Mancebados não tendo empeditamento ou avendo empeditamento fazendo se caze com outro q não tenha empeditamento fazendo os trabalhar p[a] terem q i comer e não furtarem e o q_ for rebelde a esta dutrina que expendo neste papel os prenderá castigará como merecer sua culpa e quando cassar algum ensolente ou levantado fará prendellos e trezellos a m^a prez[ça] para lhe dar o castigo conforme merecer porque feito tenho ordem de q[m] pode para castigar e prendellos e tirar o abuso de serem bravios e espero do S[n] Cap[m] assim o faca como assim determino e do contrário por ele e pelos mais e isço dei terra com sobra para não andarem pra as fasenda alheia do Riaxo do Itacaramby asima até as cabiceira s e vertente e vertentes e descanco extremando na Cerra Geral para a parte do peruaçú extremando na Boa Vista onde desagua para lá e para cá e por isso deilhe Terra com Ordi de nossa Magestade já assim não podem andarem pelas fasendas alheias incomodando os fazendeiros—missões para morada o brejo para trabalharem Fora os gerais para suas cassada e meladas. Arraial de Morrinhos, 10 de fevereiro de 1728 digo 1728. Administrador Januario Cardoso de Almeida Brandão (Certidão Verbum-Adverbum – Uma doação – apud OLIVEIRA 2008)

O presente “termo de doação” de 1728 assinado por Januário Cardoso foi registrado nos cartórios de Januária e Ouro Preto no ano de 1856, seis anos após a “Lei de Terras”, que determinava que proprietários de terras as registrassem em cartório.

Apesar do povo Xakriabá ter conquistado hoje uma parte do seu território, muito se tem de luta pela frente, pois a demarcação dessas terras ainda não representa toda a extensão do território de ocupação tradicional Xakriabá. Essa ocupação Xakriabá chegava até o Rio São Francisco, trecho do território de extrema importância para nosso povo, uma vez que a demanda por água é muito grande, considerando a região semiárida em que vivemos, e que mesmo o nosso povo sendo adaptado ao clima e às dificuldades enfrentadas, as chuvas que já eram poucas se tornam cada vez mais inconstantes a cada ano.

Não obstante o “Termo de doação” que configurava a extensão e as extremidades do território Xakriabá, as invasões de terra continuavam. Nas décadas de 60 e 70 os indígenas buscaram juntamente a FUNAI o direito ao seu território tradicional, no qual os episódios de invasão e violência continuaram, mesmo após a FUNAI estabelecer um posto na terra indígena.

Também nesta mesma época a RURALMINAS (Fundação Rural Mineira) começou a atuar dentro do território com a proposta de um projeto de desenvolvimento agrícola. Segundo relatos dos mais velhos Xakriabá, esse órgão começou a demarcar porções de terras individuais, vendiam e davam títulos para grileiros, o que culminou no aumento de conflitos.

Mais tarde, no ano de 1978 a FUNAI montou um grupo técnico para identificação do território Xakriabá. Em 1979 ocorreu a demarcação, porém reduzindo drasticamente a área do território em relação à tradicional ocupação Xakriabá. Mesmo após a demarcação, grileiros de terra continuavam dentro do território, ocasionando diversos conflitos constantemente.

No ano de 1987 com os constantes conflitos, sucedeu a invasão da aldeia Sapé (hoje Itapicuru), resultando na morte de três indígenas Xakriabá, dentre eles o Cacique Rosalino. O episódio teve grande repercussão. Somente no ano de 1989 a terra foi homologada.

Percebe-se que, o processo de homologação do território acontece somente após conflitos em proporções extremas. Em face do cenário de conflitos, diversas vezes o povo Xakriabá, através de suas representações, denunciou através de cartas e verbalmente os ataques que vinham sofrendo, e até mesmo a FUNAI tinha conhecimento dos fatos que vinham ocorrendo. Assim como aconteceu com o povo Xakriabá, que precisou perder vidas de importantes líderes de seu povo para ter seu processo territorial parcialmente resolvido, vários povos indígenas do Brasil se veem na mesma, ou em situações ainda piores.

Em 2003, foi acrescentada uma área contínua ao território, Terra Indígena Xakriabá Rancharia.

Devido à grande necessidade de locais para trabalhar, coletar e viver de forma digna, indígenas Xakriabá que viviam de forma precária nos arredores da cidade de São João das Missões, retomaram no ano de 2006 uma outra área localizada a seis quilômetros da cidade, chamada Morro Vermelho, área que faz limite com a primeira porção já demarcada e homologada.

Posteriormente no ano de 2013, ocorreu a retomada da área Caraíbas e Várzea Grande. Após várias reuniões para tomadas de decisões, caciques e lideranças juntamente com todo povo Xakriabá retomaram mais um trecho de seu território. A participação da escola nesse processo foi fundamental, e isso justifica o argumento quando falamos da escola não só como espaço físico, mas sim um espaço onde as ações transpassam para os

ensinamentos de luta. Pensar as retomadas do espaço terra é também pensar as retomadas de parte da soberania alimentar que se tem perdido aos poucos. Não é sobre somente retomar mais um pedaço de terra, é sobretudo retomar parte das origens e da identidade.

1.2 - Barragem Itapicuru: Pensando a disputa histórica pelos recursos hídricos

“A Terra Indígena Xakriabá e Xakriabá/Rancharia estão localizadas na margem esquerda do Rio São Francisco”.

É de conhecimento geral que, quando se trata do povo Xakriabá tanto em trabalhos acadêmicos, quanto em palestras, é comum pessoas não indígenas se referirem a localização espacial geográfica da maneira representada acima.

Ao analisar documentos históricos sobre a localização do território tradicional Xakriabá, é impossível não pensar que o próprio processo demarcatório, definindo os limites ao qual o nosso povo foi sujeito, faz parte da disputa por esse recurso tão precioso, sobretudo numa região predominantemente seca a maior parte do ano.

Pode-se afirmar que essa disputa parte do momento em que o Grupo Técnico da FUNAI que fez esse estudo do território e definiu os limites totalmente diferentes do apresentado no “Termo de Doação”, nos empurrando para longe das margens do rio. Não obstante, quando reduziram nosso território em 70%, percebe-se que, não somente diminuíram o tamanho do território. Dá a entender que foi uma ação estratégica, onde tirar a margem que daria acesso ao rio seria um fator essencial para que os indígenas não resistissem dentro da área demarcada. Não somente continuamos resistindo, mas também existindo e lutando para retomar esse direito.

Essa extensão do território que dá acesso ao rio São Francisco representa também um resgate cultural, pois é isso que o rio nos representa. Viver com a ausência desse contato com o rio também reflete no fato de terem tirado de nós uma parte de nossa identidade. A todo momento somos questionados porque muitos do nosso povo não sabe nadar. É comum dizerem: “que índio é esse que não sabe nem nadar?”. Para contextualizar esta fala, Célia Xakriabá apresenta importantes reflexões que tocam não

só a mente dessas pessoas que a todo momento questionam nossa identidade, mas também a nossa própria mente enquanto povo que reside neste território:

A ausência do rio em nosso território tem um impacto direto em nossa cultura, território, alimentação e em nossa própria relação com o rio. Essa negação do direito ao acesso pode ser pensada como a retirada violenta de um filho recém-nascido do núcleo familiar, arrancado dos braços da mãe quando ainda dependente da alimentação do leite materno. Ainda que busque outros meios para suprir essa necessidade e sobreviver com a perda, cresce sem a força da amamentação. Assim é o nosso povo Xakriabá, que também cresce, constrói caminhos estratégicos alternativos, mas assim como o filho que é retirado do direito de ser alimentado com leite materno, cresce com ausências. Estas ausências se convertem em resistências e novas forças. (CORREA XAKRIABÁ, 2018, p, 26).

Em outro momento, posterior à demarcação do território, em meio a luta do povo Xakriabá que se intensificava cada vez mais, surge no ano de 1985 o projeto hídrico Barragem Itacarambi, no até então município de Itacarambi. A capacidade de 310.186m³ de água, visava assegurar o volume sendo controlado manualmente a vazão para o rio.



Figura 3: Barragem na Aldeia Itapicuru, divisa entre a Terra Indígena Xakriabá São João das Missões e Manga – Fotos: Manoel Freitas Jornalista



Figura 4: Barragem na Aldeia Itapicuru vista de cima – Fotos: Manoel Freitas Jornalista

Construída na década de 80 pela CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco), o reservatório, ou barragem como a população aqui chama, tem um papel fundamental na questão da sustentabilidade tanto da população, quanto da vazão de água do Rio Itacarambi que percorre aproximadamente 100 quilômetros, passando por aldeias e comunidades não indígenas até desaguar no Rio São Francisco. A barragem é basicamente um símbolo da aldeia e até mesmo do Território Xakriabá. Muitos dos indígenas Xakriabá têm como uma das principais fontes de renda e alimentação, a pesca que é retirada desta barragem.

Apesar de abordar no início deste tópico que a barragem exerce papel fundamental na sustentabilidade, é importante destacar que esta linha de raciocínio não é válida para a população Xakriabá num contexto geral. É inegável que a barragem oferece um grande recurso hídrico, porém esta utilidade se dá somente para a população de três das aldeias Xakriabá e oito comunidades não indígenas que são banhadas pelo rio abaixo da barragem. Na aldeia Itapicuru, poucas famílias fazem uso desta água, ou seja, somente aquelas que residem no leito do rio, devido a extensão da aldeia. Acima do reservatório

da Barragem na aldeia Barra do Sumaré algumas famílias utilizam desses recursos hídricos, principalmente para plantio, porém a parte de cima do rio não está ligada diretamente a vazão proporcionada pelo volume de água da barragem.

De acordo com relatos de indígenas Xakriabá que trabalharam ajudando na construção da barragem, foram muitas as melhorias e promessas que pregaram junto com a ideia de construção. No entanto, várias promessas não foram cumpridas e as pessoas que tinham áreas para cultivarem seus plantios e até mesmo casas ao longo do leito do rio onde foi construído a barragem não tiveram amparo de forma alguma, nem tampouco orientações ou acompanhamento durante ou após a construção.

Para esta construção, desapropriaram várias famílias indígenas que vaziam seus plantios nas vazantes, na área que ficou inundada após término da obra. Em um território que é predominantemente seco a maior parte do ano, a barragem é sinônimo de riqueza. Riqueza não sob a questão financeira, mas sim uma riqueza que o dinheiro não compra que é a vida. Pensar estratégias para usufruto desse recurso precioso, e principalmente parcerias – isso deveria ter sido pensado num plano pós construção.

1.3 - Descrição do território: Mapa sobre o território

A Terra Indígena Xakriabá está localizada no município de São João das Missões, nas proximidades da margem esquerda do Rio São Francisco, Norte de Minas Gerais. Conta com aproximadamente 53.000 hectares de terra demarcada e homologada, incluindo a Terra indígena Xakriabá/Rancharia, uma área contínua demarcado e homologado anos depois da primeira demarcação que ocorreu no ano de 1987, posteriormente a área de Rancharia foi demarcada somente no ano de 2003.

A Terra Indígena Xakriabá está dividida atualmente em 36 aldeias, todas regidas por um só sistema de organização interna, através de caciques e lideranças. Conta com uma população estimada em aproximadamente 11 mil indígenas. Apesar do território se localizar na margem esquerda do rio São Francisco, o mesmo se limita antes do encontro com o rio. As retomadas tem como objetivo trazer a vivência com relação ao rio, fundamental para fortalecer o pertencimento étnico do nosso povo. Abaixo, um mapa retrata a localização geográfica da Terra Indígena Xakriabá e Xakriabá Rancharia, área reivindicada em estudo e também os arredores:

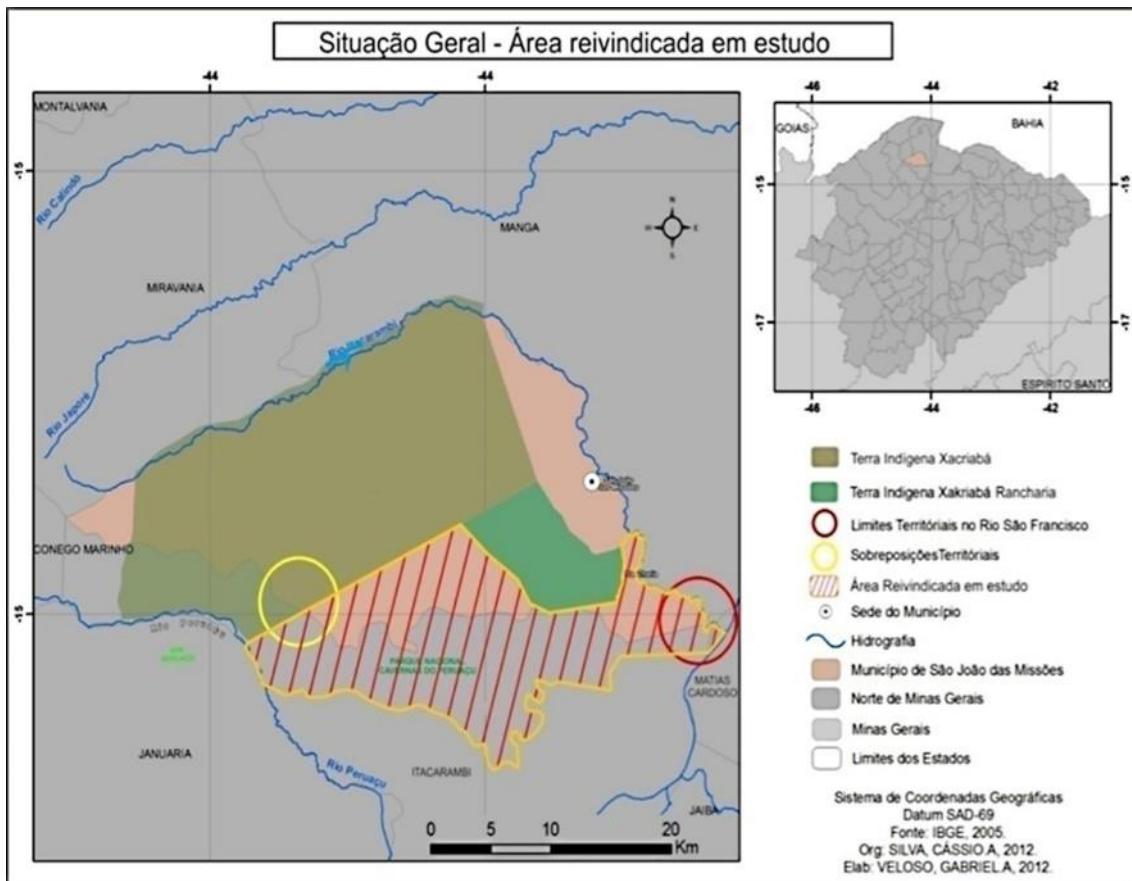


Figura 5: Mapa da Terra Indígena Xakriabá, Xakriabá-Rancharia, área reivindicada em estudo e arredores. Fonte: Silva, 2014.

O município de São João das Missões é considerado um município recente, pois foi emancipado no ano de 1995, desmembrando-se de Itacarambi. Situa-se na micro-região do Vale do Peruacu (Alto Médio São Francisco). No entorno estão os municípios de Itacarambi, Manga, Januária, Miravânia e Cônego Marinho.

A região norte do Estado de Minas Gerais, onde está localizado o território Xakriabá é considerada uma região semiárida. Existem alguns rios temporários com água corrente apenas no tempo das chuvas, que compreende os meses de setembro a meados de março (varia de ano pra ano); mas também existem várias nascentes pequenas, com pouca vazão de água e existe atualmente um rio permanente, o rio Itacarambi. O clima na região é quente praticamente todos os dias do ano. Nos meses que compreendem as chuvas, a mata passa de um tom de cor aproximado ao cinza empoeirado para um verde

que entrelaçam os galhos das árvores e o clima fica um pouco mais frio. O índice de chuva tem diminuído nos últimos anos, afetando a vazão de água das nascentes e principalmente o plantio das roças, de onde boa parte os indígenas tiram seu sustento, assim como também afeta a tentativa de exercer a soberania alimentar do nosso povo.

A vegetação predominante no território é constituída principalmente pela caatinga e o cerrado. A minha aldeia é constituída principalmente pela mata seca, como é conhecida pelos indígenas Xakriabá, dentre vários outros nomes dados pela população com os quais os indígenas identificam a vegetação encontrada no território. A explicação dada é que na época da seca todas as folhas das árvores caem, dando assim a impressão de estarem secas/mortas. Dentro do território que compreende esse tipo de vegetação, somente as árvores nas encostas de rios ou nascentes permanecem com algumas folhagens. As árvores mais comuns nessa vegetação são: aroeira, imburana, angico, umbu, braúna, jurema, pau d'arco dentre outras, e a maioria é usada na medicina tradicional.

O cerrado do Território Xakriabá é chamado pela maioria do nosso povo como tabuleiro/gerais. Essa vegetação tem como característica o solo arenoso, variando de um aspecto de cor amarelado ao vermelho. As árvores têm geralmente uma estatura baixa, tortuosas e retorcidas, composta também por arbustos, todos de pequeno porte. Possuem uma folhagem mais lisa e ao mesmo tempo mais grossas em comparação a vegetação da mata seca, possibilitando ao cerrado permanecer com boa parte da folhagem mesmo no período da seca. Outro fator que contribui para que a vegetação do cerrado permaneça verde mesmo no período da seca, é a particularidade de possuir raízes mais longas, podendo alcançar até 15 metros de profundidade do solo para buscarem água nas camadas mais úmidas.

Assim como as folhas, as cascas também são mais grossas podendo ser uma adaptação para resistir às queimadas, pois as cascas grossas servem como isolante térmico, evitando que as árvores morram com uma possível queimada, algo que de certa forma é comum devido à alta quantidade de raios que caem nesse ambiente. As árvores mais comuns são: pequi, jatobá, sicupira, cabeça de nego, cagaita dentre outras. Os moradores usam muito a região do cerrado como local de coleta de vários frutos, ou seja, praticam o extrativismo a fim de consumo e também como meio para obter um complemento na renda familiar através da venda. Vale ressaltar que o cerrado é reconhecido como uma das regiões de maior biodiversidade do mundo.

1.4 – Dazakru Wdêwairôwaktû are Durkwa

Dazakru Wdêwairôwaktû are Durkwa (Aldeias Itapicuru e Sapé)

Neste tópico procuro apresentar um pouco da história das duas aldeias citadas acima e o porquê do nome dado à essas aldeias. Farei isso através do meu próprio conhecimento, concebido através de rodas de conversas e relatos de alguns mais velhos do povo Xakriabá. As rodas de conversas, contação de histórias e de “causos” é algo muito presente nos costumes e na cultura Xakriabá. É uma das formas de se transmitir e emitir conhecimentos sobre o nosso povo. Assim como vários outros povos indígenas do Brasil, a oralidade é sempre muito presente no nosso cotidiano, sendo também uma maneira de preparar ou iniciar um “jovem” nos conhecimentos advindos dos nossos ancestrais.

As aldeias Itapicuru e Sapé formavam uma só até início da década de 90. Como no Território Xakriabá é normal as pessoas se referirem a determinados locais com nomes diferentes, mesmo aquele local fazendo parte de uma aldeia em específico, o nome Itapicuru era apenas um dos nomes locais dentro da aldeia Sapé, o qual as pessoas nomeavam para se referenciar. Mais tarde, para facilitar o trabalho dos caciques e lideranças e com o consequente aumento do número de famílias que residiam no local, Itapicuru se tornou uma das aldeias Xakriabá.

Itapicuru é uma árvore considerada de grande porte para os padrões da maioria das demais encontradas na região e que é muito comum na vegetação que denominamos de “mata seca”, que é o caso da aldeia Itapicuru. A madeira desta árvore é usada principalmente para fazer artesanatos, na medicina tradicional, podendo ser usada até na produção de alguns móveis como mesa, cama, porta, dentre outras finalidades a que são atribuídas.

O nome da aldeia Sapé advém de um capim, o qual era uma vegetação muito comum nessa região. Esse capim era usado para cobertura das moradias Xakriabá. Com o passar do tempo esse capim foi acabando, devido à criação de animais dos fazendeiros em grande quantidade. Nos documentos, jornais e revistas históricas da época em que os conflitos se intensificaram, constam o nome da aldeia Sapé, local da morada do Cacique Rosalino, que foi morto durante chacina quando pistoleiros fortemente armados invadiram a aldeia na madrugada de 12 de fevereiro de 1987. Os mais velhos Xakriabá

contam que os conflitos eram constantes na aldeia, pois boa parte dos grileiros de terra se apossaram de terras nessa localidade. Segundo relatos, dificilmente os indígenas dormiam em suas casas por medo de serem mortos. Durante o dia os moradores iam até suas casas somente para alimentar os animais e dar água.



Figura 6: Casa do Cacique Rosalino que estava em construção – Foto: Edgar Corrêa Kanaikō - Etnofotografia

A foto acima mostra a casa do Cacique Rosalino que estava em construção quando ele foi morto. A armação da casa estava toda pronta. A casa se encontra na aldeia hoje chamada Itapicuru. A estrutura está um pouco afetada depois de vários anos. Desde que começamos a reunir na aldeia para relembrar a luta de nossos antepassados, a casa é coberta com palha de buriti e é trocada a cobertura quando está deteriorada.

É comum os mais relatarem durante as rodas de conversa que muitas vezes tiveram que dormir no mato por medo de represálias de fazendeiros. As juventudes daquela época exerciam vários papéis dentro do núcleo familiar. Eram filhos, mas eram

também os responsáveis por ajudar a cuidar da roça, dos irmãos mais novos, carregavam responsabilidades enormes.

Segundo relatos da minha Tia Otília residente da aldeia Sapé, na época dos conflitos constantes, eles não podiam dormir nas suas casas. Certo dia ela estava grávida, já no período de parto e não podia ficar em casa. Então ela sentiu as dores das contrações debaixo de uma árvore, ali mesmo ela deu a luz. Hoje ela mostra exatamente onde, e como tudo aconteceu. Explica ela que eram dias difíceis. Ela diz que seus filhos não são somente filhos gerado no útero, são filhos da luta.

Gamela, um dos importantes anciões Xakriabá morador da aldeia Itapicuru, atuou muito nas caminhadas desta luta. Meu pai conta que ele era um dos responsáveis por transmitir recados e ao mesmo tempo informar sobre os ocorridos nas aldeias do entorno. Até hoje, nas suas honrosas visitas, continua transmitindo seus recados e relatando sua caminhada através da oralidade. Através desse diálogo, ele relembrava muito bem quando o Cacique Rosalino em suas reuniões sob a sombra das árvores, repassava as orientações e pensava as estratégias para enfrentar aqueles que invadiam o território.

Deixo claro aqui que, ao abordar o nome dessas duas aldeias, não quero dizer ou dar impressão que a história da luta pela terra começa por aqui, mas sim elucidar um pouco sobre a história do lugar onde eu sou/estou. Portanto, se não moro onde começou a história, sinto que não foi e nem será aqui o fim. A luta para nós povos indígenas é um constante movimento.

CAPÍTULO 2 – JUVENTUDES INDÍGENAS: DAS CONCEPÇÕES SOBRE O TERMO AOS DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

2.1 – Conceito “Juventude” no território Xakriabá: Uma visão acerca do termo até as concepções atuais

Nos últimos anos, o termo “Juventude” têm se tornado muito presente no nosso dia-a-dia. Essa presença marcante vem sendo protagonizada em diversos movimentos, desde a luta dentro do território, até as lutas para além das fronteiras fora dele. Como eu disse, o termo “juventude” é recente, como relata SANTANA (2020, p.27):

[...]não se usava a palavra juventude; tais pessoas eram designadas com os termos “novatos” ou “mais novos”, expressão utilizada pelos mais velhos. O uso da expressão “jovem” vem aparecer bem mais tarde, mesmo quando um “novato” jovem arrume um cargo de um emprego ou até mesmo quando se forma uma família (casa) já assume um papel de grande responsabilidade, passando a ter um compromisso maior com a família e a comunidade.

A autora destaca ainda no seu trabalho a carência de bibliografias que remetam ao assunto das juventudes indígenas, o que veio a ser uma das dificuldades na construção do tema. Diante da escassez de materiais como possíveis referenciais, a autora se propôs a fazer uma análise do termo “juventude” a partir da sociedade nacional, e em especial no âmbito da vivência junto ao seu povo Xakriabá, para assim incluir elementos teóricos e empíricos para o uso da categoria. Daiane Santana (2020) foi a primeira indígena Xakriabá a realizar um trabalho de pesquisa totalmente voltado a compreender o termo “juventude” e apresentar discussões temáticas acerca desta categoria.

É de extrema importância pensar novas estratégias de luta, reformulando isso a partir da juventude indígena, visto que os mesmos são peças fundamentais na reinvenção de novos caminhos, e são o futuro de um passado onde as estratégias foram os caminhos traçados pelos nossos ancestrais para que hoje pudéssemos ser/pensar juntamente com nossos caciques, lideranças, anciões e todo coletivo do nosso povo a reinvenção desse novo processo de luta.

Diante dos constantes ataques aos povos indígenas e aos seus territórios, a juventude tem apresentado um engajamento importante diante desses confrontamentos. O

negacionismo do governo brasileiro para com os povos indígenas se intensifica cada dia mais, expulsando indígenas dos seus territórios tradicionais, se omitindo em oferecer a saúde, criando leis que interferem diretamente nos modos de vida, cultura e tradições, deixando de demarcar as terras indígenas, dentre outros ataques que vem fazendo, além de disseminar o ódio e a mentira para com nosso povo.

A luta nunca foi uma questão de escolha, ela sempre se fez necessária, para que os povos indígenas sobrevivessem e resistissem até hoje. Atualmente a juventude tem se mostrado presente juntamente com os sábios caciques e lideranças na luta em defesa de seus direitos. Todos os dias, a todo momento, mesmo na era do século XXI: mais de 520 anos se passaram desde a invasão que os livros de história escrita por cima da pluralidade de povos, vozes, línguas, cultura e até mesmo sangue indígena, insistem em falar em descobrimento – e a luta bate na porta diariamente.

Acredito que é como o meu pai, um dos líderes Xakriabá fala: “É urgente que os “novatos” façam essa nova caminhada, agora por novos caminhos, porque o caminho que foi trilhado até aqui por mim e por tantos outros líderes, ainda é e sempre será importante. Porém, há urgência em traçar novas estratégias de luta e enfrentamento e para isso é de extrema relevância que façam o trajeto por caminhos que ainda não foram percorridos”.

Pode-se dizer que o conceito juventude nada mais é do que um termo da sociedade branca que contempla um grupo de pessoas que dentro do território Xakriabá são concebidos como novatos. Através de conversas no dia-a-dia com pessoas mais velhas (anciões) do nosso povo, dá-se a entender que novatos ou jovens sempre serão enquadrados no mesmo grupo, ou nomenclatura, aos olhos de uma pessoa que acompanhou seu crescimento desde a tenra idade. Entretanto, quando cabe a um jovem alguma responsabilidade, como num caso de o mesmo ocupar algum cargo de trabalho dentro da aldeia, ou até mesmo arcar com o fato de assumir um cônjuge, ele/ela passa a assumir um papel diferente diante da comunidade, cabendo a ele se mostrar maduro e comprometido com tal papel.

Poderíamos dizer que “juventude” é o termo para nomear um grupo de acordo com os papéis desempenhados dentro da comunidade, ou de um povo. Não existe um determinado fundamento para atribuição do presente termo a esse grupo.

Talvez seja imperceptível, ou pouco evidente, mas na minha visão de novato/juventude, nem todo mais velho é um ancião. A expressão ancião se dá as pessoas bem mais velhas, detentor de todo saber e ciência do povo Xakriabá, as nossas bibliotecas vivas. Me parece não haver uma determinada faixa etária para que seja dado o nome de

ancião a uma pessoa mais velha, mas é evidente que nem todas as pessoas mais velhas se auto denomina, ou é denominada ancião a partir de seu próprio olhar. Nem todo mais velho caminha direcionado a se tornar ou ser reconhecido como ancião.

O ser juventude Xakriabá se considera como tal quando determinado grupo o acolhe. Muitos poderão não se sentir mais jovens, mas se sentem acolhidos no grupo e aquilo não faz a menor diferença. Na sociedade branca existe padrões para esta definição, mas ao analisar como isso se dá com o nosso povo, é perceptível que é totalmente diferente, pois não existem pré-requisitos para isso.

2.2. Mobilização e participação da juventude Xakriabá na luta pelos múltiplos territórios

Para abordar essa temática, é preciso regressar no tempo e reviver um pouco da memória de nossos antepassados, para que seja possível trazer uma breve contextualização para situar o leitor. Para tratar da questão dos múltiplos territórios onde a juventude Xakriabá tem atuado, primeiramente é preciso falar da mãe-terra como princípio fundamental, para trazer logo adiante as descobertas e o processo do territorializar em outros espaços, que há alguns anos atrás era desconhecido pelo nosso povo.

Nesse impasse de se firmar dentro do território e obter algum tipo de renda nas fazendas em outros municípios que complementasse o cultivo familiar, na mesma época o povo Xakriabá viviam com crescente aumento da invasão de suas terras tradicionais, não obstante do ato de resistência, o passo para regularização do território por parte da FUNAI consequentemente seria um marco para a re-existência daquele povo, onde a luta não era somente por direito a ter um território para sua subsistência cultural e social, era um grito de socorro, como quem fala: “estamos aqui, e esse é o território que nossos ancestrais viveram e queremos viver”.

Ainda nessa época a luta pelo território se intensificara com os sucessivos conflitos com a invasão da terra indígena. Diante do processo de reivindicação feita por indígenas Xakriabá pela regularização do território durante as várias viagens a Brasília, a resistência e perseverança com o objetivo de retomar as terras ocupadas por latifundiários e grileiros continuava. Muitos Xakriabá que contam a história da luta hoje, na época em que os conflitos se acentuaram, eram ainda crianças, jovens/novatos, mas com uma carga de responsabilidade enorme. Mesmo não atuando nas linhas de frente durante a retirada

de posseiros e nas tomadas de decisões, até mesmo como uma estratégia de resguardá-los, os mesmos se faziam presentes em papéis importantes nos mutirões, nas aberturas das “picadas” (pequeno estreito de roçado em meio a mata para fazer cerca e delimitar um espaço) e nas transmissões de recado, já que na época era uma das principais formas de mobilização e comunicação.

A demarcação do Território veio a ocorrer no de 1979, mas o crescente aumento invasões continuaram. Ao longo da década de 80, ameaças, desmatamentos, assassinato, tentativas de assassinato e até mesmo represálias por parte da polícia ocorreram, até que no ano de 1887, após um dos episódios mais violentos do conflito que se acentuou, o território foi homologado.

Durante muito tempo o povo Xakriabá viveu refém da ausência e do contato com qualquer tipo de processo de escolarização, e até mesmo a incerteza se um dia iria viver livre em seu território, poder dormir uma noite de sono tranquila sem o receio de ser surpreendido a qualquer momento e ser assassinado. Segundo meu pai, uma das lideranças Xakriabá há mais de trinta anos, ele recorda que a juventude e toda população Xakriabá tinha uma vida permeada de incertezas quanto a sua trajetória. Nas décadas de 60, 70 e 80 muitos Xakriabá eram obrigados por força da necessidade de uma renda e subsistência a se deslocarem para os trabalhos em fazendas nos arredores e até mesmo o deslocamento em massa a pé para algumas regiões da Bahia, percorrendo quase quatrocentos quilômetros a pé, em busca de algum complemento na renda para manter suas famílias.

Diante de toda dificuldade enfrentada, nossos mais velhos não tiveram oportunidade de se firmar nos estudos, pois além do acesso à educação escolar ser praticamente zero pelo fato de não haver escolas, outro fator que contribua bastante para essa não introdução do processo de escolarização, era o engajamento e foco no plantio das roças para sustento da família.

É comum muitos dos nossos anciões/velhos relatarem que durante a infância ou juventude seus pais os orientaram a optar por fazer a escolha de focar no trabalho da roça para ajudar no sustento da casa. Geralmente muitos dos que relatam ter aprendido ler e escrever, foi em casa de família, pois não haviam escolas, e por um breve período, até que aprendessem somente o básico, que era assinar o nome e ler.

A escola em que iniciei minha educação escolar foi construída na década de 80 na aldeia Itapicuru, mais precisamente no ano de 81, ainda sob a jurisdição do município de Itacarambi e inaugurada apenas no ano seguinte, 1982. Foi a primeira escola construída

dentro do Território Xakriabá, sendo ela gerida pela administração municipal. Nessa época a terra ainda se encontrava fragilizada pelos constantes ataques de fazendeiros, latifundiários e grileiros de terra, sendo um dos principais patrocinadores dessas invasões e ataques naquela época o atual prefeito de Itacarambi, que inclusive dizia ter direitos sobre as terras do povo Xakriabá. A estrutura da escola construída à base de alvenaria resiste ao tempo até hoje. Apesar de a escola ter sido construída na época em que até mesmo a terra estava em processo de homologação, vários conflitos aconteciam frequentemente, os indígenas Xakriabá viam na educação escolar uma forma de se revolucionar diante do cenário em que se tinha, apesar de todo corpo docente da escola ser regida por pessoas não indígenas.

Após ter acontecido o grande massacre dos indígenas Xakriabá no ano de 1987, com a emancipação do município de São João das Missões na década de 90, a escola passou para competência Estadual, e dirigida pelo ex-prefeito José Nunes de oliveira. Foram tempos de reconstrução, em que o Povo Xakriabá conseguiu com a ajuda do UFMG e a luta árdua o Magistério Indígena, passando a ter toda equipe própria que atuava nas escolas indígenas. Começava ali uma nova etapa da educação dentro território Xakriabá e para o povo Xakriabá.



Figura 7: E.E Indígena Bukikai, Aldeia Itapicuru – Foto: Edvan Srêwakmôwê Xakriabá, 2019

A escola atualmente é estadual, assim como todas as escolas construídas atualmente dentro do território. Foi uma grande conquista para que as escolas Xakriabá passassem a ser competência do Estado, assim como todas as escolas indígenas de Minas Gerais, pois até então a escola passou muitos anos num processo de dominação e aculturação em relação aos povos indígenas. A educação escolar indígena teve início no de 1995.

Pensar a participação da juventude na retomada nesses diversos movimentos e espaços, é sobretudo pensar as conquistas dos nossos jovens através do ingresso nas universidades, nas diversas áreas de conhecimento. A mesclagem do conhecimento científico com o conhecimento tradicional tem contribuído para nós fortaleçamos o movimento da educação e de outros campos em nossas bases. Esse espaço tem sido também um espaço de luta, para possamos ter nosso lugar de fala. Passar a conhecer esse lugar de conhecimento do “outro”, nos acrescenta saberes memoráveis.

A juventude Xakriabá têm estado presente nos diversos movimentos nacionais e até mesmo a nível internacional amparados com o apoio dos caciques e lideranças. É visível que a juventude alcançou visibilidade diante do cenário de luta, ao passo em que se apresentavam nos processos de luta.

Pode se afirmar que, as recentes retomadas das áreas pertencentes ao nosso território tradicional também contribuem para que a juventude se mostrasse comprometidos com luta do nosso povo, pois a partir disso, ficou visível que o grupo estava comprometido com a luta e as causas do nosso povo.

2.3. Desafios das “juventudes indígenas” no mundo contemporâneo

Os povos indígenas desde a invasão do Brasil até os dias de hoje enfrentam diversos desafios ao longo de suas histórias, no início da recente invasão e colonização, o extermínio em massa das diversas etnias e a escravização tiraram a vida de mais da metade da população indígena que aqui viviam. Hoje nos dias atuais, esse processo de extermínio continua, porém se dá muito através de mecanismos digamos que mais “sofisticados”. A partir da Constituição Federal do ano de 1988, nos Artigos 231 em 232, conquistada com a presença e luta constante dos povos indígenas, em termos jurídicos, foi uma conquista de direitos marcante e histórica:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo. (Constituição Federal de 1988).

A Constituição de 1988 representou um enorme avanço, visto que o Estado Brasileiro teria que criar um sistema de normas que visasse proteger e garantir o direito e interesses dos povos indígenas.

Apesar da Constituição estabelecer que o *direito indígena a terra/território é originário*, ou seja, anterior a criação do próprio Estado, esse direito e vários outros em que se estabeleceu com a constituinte, encontram-se diante de várias ameaças. Garantir todos os direitos explicitados é um dever do governo federal, no entanto, não é desta forma que tem sucedido. Atualmente quem teria a competência de se fazer valer os direitos constitucionais, é o mesmo que dissemina ataques arquitetados juntamente com a bancada ruralista, onde a prioridade é o desenvolvimento desenfreado do capitalismo genocida e do agronegócio.

Diante de todo esse senário onde o processo de resistência como única saída para existência da população indígena no país, abordo aqui as “juventudes indígenas”, onde ressalto em um dos tópicos anteriores que aqui no território Xakriabá considera-se que, não é somente ser/ e ou estar jovem, e sim se sentir jovem e ser acolhido por tal grupo.

Destaco aqui também que assim como a diversidade de povos, culturas e línguas, dou ênfase ao termo “juventudes indígenas” num contexto plural, para dar mais visibilidade ao protagonismo por eles apresentado. Os povos indígenas tem se apoderado de diversas armas de luta, dentre elas está a ressignificação da internet através das redes sociais, e o segmento das juventudes tem exercido papel fundamental na desconstrução das inúmeras ideias equivocadas sobre o ser indígena.

Por isso, ao designar juventudes indígenas – no plural, posto que não existe uma única forma de “ser jovem indígena” –, está-se diante de uma miríade de expressões identitárias ainda pouco conhecidas pela academia e com muitas implicações entre os povos indígenas e o campo juvenil, mas que, e independente disso, carregam consigo maneiras de conceber realidades e vidas desde uma temporalidade no presente das relações e estruturas sociais – ainda que seja necessário compreender os fatores históricos de sua emergência e consolidação – Para

desencadear diversas interpelações a serem analisadas via estudos interdisciplinares e diálogos interculturais. E concomitantemente, para o reconhecimento da presença de sujeitos que passam a se autodenominar jovens indígenas para interpelar os seus grupos étnicos, a sociedade não indígena e os Estados nacionais para assegurar o tratamento adequado de suas vozes, ações e identidades. (*Juventudes indígenas [recurso eletrônico]: estudos interdisciplinares, saberes interculturais: conexões entre Brasil e Mexico / organização Assis da Costa Oliveira, Lucia Helena Rangel. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2017, p, 13 e 14.*)

Nesse sentido, é de extrema importância ressignificar o lugar e as armas de lutas do “outro” (brancos), mas sem esquecer de onde viemos e estamos. Com tantos sentidos que a modernidade hegemônica nos apresenta, é relevante que em vários momentos tenhamos consciência de nos “desarmar” perante os nossos anciões e entender que não é tão somente tomar posse desse lugar de luta do “outro”, e sim reconhecer que as melhores e mais eficientes armas de enfrentamento ainda são a nossa ciência tradicional e sabedoria ancestral que apesar de todas as investidas em colonizar e matar nossos corpos, nos permitiu resistir até os dias presentes.

Se coube a geração anterior, ainda na linha de frente da luta na atualidade, o mérito da resistência e da superação do fantasma do desaparecimento, da conquista dos direitos históricos na Constituição Federal de 1988, das conquistas importantes nas demarcações de terras indígenas nos últimos 20 anos, principalmente na Amazônia brasileira, e do (re)início das (re)elaborações dos planos etnoterritoriais coletivos de vida, cabe as novas gerações a defesa intransigente dos direitos conquistados, defesa e cuidado carinhoso das terras demarcadas, concluir os processos demarcatórios de terras ainda não concluídos, avançar na proteção e sustentabilidade das terras indígenas e na sustentabilidade econômica das aldeias e cuidar com carinho das nossas culturas, tradições, línguas, saberes, epistemologias e modos de vida, que são o nosso valor e nossas condições de existência e razões de ser, viver e conviver. (*BANIWA, Jersem, prefácio p, 8. Juventudes indígenas [recurso eletrônico]: estudos interdisciplinares, saberes interculturais: conexões entre Brasil e Mexico / organização Assis da Costa Oliveira, Lucia Helena Rangel. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2017.*)

2.4. Tecnologia como ferramenta de luta: Descolonizando mentes e demarcando mundos

Nós povos indígenas sabemos que é desafiador lidar com as novas tecnologias que tem cada vez mais se tornado presente em nosso dia-a-dia. Essa inserção no mundo tecnológico tem contribuído de certa forma na luta indígena. Principalmente na comunicação, ao passo em que dar mais visibilidade para luta, para uma visão para além do território. Essa ressignificação tem sido importante para quebrar as barreiras da visão colonizadora da sociedade. Mas tudo tem seus pontos positivos e negativos, e saber lidar com essa consequência, também é parte do processo.

É preciso a todo momento está quebrando barreiros e rompendo paradigmas negativos que envolvem os indígenas. Vários jovens tem tomado isso pra si, como forma de passar outra visão do ser indígena para a sociedade, no que tange sobre as culturas e costumes, principalmente combatendo os estereótipos. Os diversos meios de comunicação social têm proporcionado esse espaço.

Demarcar esse espaço é de extrema importância, mas nossos líderes nos alertam a todo momento sobre as armadilhas que isso pode se tornar. Nesse mesmo sentido, Daiane Santana Xakriabá apresenta a internet como meio que facilitará no acesso a uma quantidade infinita de informações, mas é importante ter cautela ao utilizar estes meios. Para isso, ela contextualiza sua fala a de Gersen Baniwa que faz uma análise importante sobre o assunto:

Os jovens indígenas de hoje precisam ser ainda mais resistentes do que as gerações anteriores para enfrentarem e sobreviverem à sofisticada e sistemática tentativa de negação e destruição das múltiplas identidades, das culturas, das tradições dos valores e da sócio biodiversidade do planeta em nome de uma modernidade monocultura e universal. Não é nada fácil para os jovens resistirem às sedutoras tentações das facilidades apresentadas pela modernidade globalizante por meio do acesso as tecnologias, redes sociais virtuais, pesada cargas de propagandas economias religiosas ideológicas e promessas existentes de bem-estar e riqueza, sucesso profissional e pessoal e tantas outras promessas e sonhos irrealizáveis e inalcançáveis pela maioria esmagadora dos indígenas, não por sua incapacidade cognitiva ou cultural, mas pelas regras excludentes e injustas do jogo do capitalismo baseado fundamentalmente na profunda exploração, desigualdade e em processos de concorrência e seleção desleal e injusta do mercado. (BANIWA, 2017, p. 06, Apud. SANTANA, Daiane, 2020, p, 36).

As juventudes de diversos povos indígenas têm se apropriado dessa ferramenta para fortalecer o protagonismo coletivo de suas comunidades. Avançar nesse segmento, tomando as devidas precauções com a variedade de informações encontradas trará resultados importantes. Uma dessas precauções talvez seria não se apegar a este método como único meio de apresentar e fortalecer as causas indígenas. Uma fala de um companheiro de luta mais conhecido como Naldim Xakriabá diz o seguinte: “a tecnologia aproxima quem está longe e distancia de quem está perto”. Dito isso, vejo que devemos adentrar nesse meio tecnológico, mas sem nos esquecer de quem está a nossa volta.

CAPÍTULO 3 – “NÓS SOMOS PORQUE NOSSOS MAIS VELHOS FORAM”

3.1. Dia 12 de fevereiro: Luta, memória e resistência do povo Xakriabá

O presente dia nos faz retornar e retomar nossas memórias para o fatídico dia em que três dos nossos maiores guerreiros foram obrigados a fazer a transição entre o mundo material, para o mundo espiritual. Assim como a história da maioria dos povos indígenas do país, onde reivindicar e retomar o território ancestral é um processo marcado por conflitos, violência e perdas, as lutas do Povo Xakriabá são semelhantes.

Dia 12 de fevereiro de 1987, nos traz a memória da chacina onde culminou com a morte de Rosalino Gomes (cacique), Manoel Fiúza e José Santana. Mais tarde o episódio marcante foi reconhecido como o primeiro crime genocídio indígena no Brasil.

Em livro escrito por professores Xakriabá (SEE-MG/MEC, 1997, p. 35), a primeira das mortes nessa chacina, do líder Rosalino, é assim descrita: “O crime contra os Xacriabá aconteceu no dia 12 de fevereiro de 1987, na aldeia Sapé, reserva indígena, hoje município de São João das Missões, no norte de Minas. Um grupo de grileiros, liderados por Francisco de Assis Amaro, invadiu a aldeia, se identificando como homens da polícia federal. Dividiram-se em dois grupos, arrombaram a casa do vice-cacique Rosalino Gomes de Oliveira, por volta das 2 horas da madrugada, iniciaram o tiroteio. As balas atingiram Rosalino mortalmente. Sua esposa Anísia Nunes, grávida de dois meses e ferida com um tiro no braço, abraçou a filha Rosalina, de dois anos de idade, e saiu para fora do barraco. Ficou sentada no terreiro, por ordem dos pistoleiros. Queriam ver agora se Rosalino, líder dos Xacriabá, estava mesmo morto. Os pistoleiros já saíam, mas ninguém tinha coragem de voltar para casa. Com dois revólveres apontados para a cabeça, José Nunes de Oliveira, de 10 anos, filho de Rosalino, foi obrigado a arrastar o corpo ensanguentado do pai, do quarto onde foi fuzilado à queima roupa, até a porta do barraco. Franzino, o pequeno José não aguentava o peso de Rosalino e chorava. Os pistoleiros ameaçavam de novo: Vamos arrebentar seus miolos se não arrastar seu pai para fora da casa. Anísia, a mulher de Rosalino, suplicava ao filho para que chegasse ao final. Com as duas mãos, José segurou firme o braço de Rosalino e puxou o pai. Alguns minutos depois, Rosalino estava ao lado de Santana, morto também. Os pistoleiros gritaram de alegria e deixaram a aldeia. Antes, ameaçaram voltar.” (Publicação “O tempo passa e a história fica”. Belo Horizonte: SEE-MG/MEC, 1997).

O Cacique Rosalino liderou bravamente as frentes de lutas do povo Xakriabá na luta contra os posseiros e no incentivo de seus irmãos a resistirem. Rosalino morava na

área conhecida na época como aldeia Sapé, mas a sua mobilização se estendia por todo o território. Hoje a aldeia na qual se chamava Sapé, passou a ser chamada de Itapicuru, como descrevo no primeiro capítulo deste trabalho.

Roso, assim chamado por maior parte de seus companheiros de luta, por muitas vezes teve que dormir fora de sua casa, tendo que dormir nas grutas/lapas e até mesmo nas matas a céu aberto. Muitos dos seus companheiros estavam contigo até nesses momentos, pois também era alvo das principais ameaças aqueles que colaboravam com as frentes de luta.

É repugnante como um país que se diz “democrático” diante de leis representadas na constituinte, onde o direito dos povos indígenas a terra/território é mencionado como originário, mas primeiramente para conquista-lo é preciso perder, para depois ganhar.

Lutar por ideais, por direitos, nunca foi uma questão de escolha para nós, e sim de necessidade. Lutar pela reafirmação identitária, por reconhecimento dos seus territórios por parte do Estado Brasileiro, era o que nossos ancestrais faziam. Assassinaram nossos guerreiros, mas não podem matar nossas memórias. No pensamento de calar as nossas principais vozes, foi onde nasceram vários gritos, onde a oralidade se faz presente para relembrar através do reativamento da memória que, “nossos guerreiros vivem.”

Na época, professor em formação pelo projeto UHITUP, em um breve relato presente na revista “Bay”, José Nunes filho do Cacique Rosalino expressa o sentimento de ter perdido o pai:

José Nunes Xacriabá

Lamento a perda do meu pai

É um sentimento que nunca vai acabar.

É uma voz que não para de gritar.

Meu pai morreu dormindo.

Só por ser defensor do direito de seus irmãos índios.

Ele sempre dizia que seu fim estava perto.

Mas dizia: se possível, servirei de adubo para essa terra, mas não desisto de lutar.

É triste lembrar que já sofri muito.

É triste lembrar que perdi meu pai.

É bom saber que foi trabalhador.

Ele morreu, mas seu trabalho realizou.

Defendeu a terra e, para seu povo, deixou uma esperança (o fruto da sua luta).

*Morreu uma voz, nasceu um grito.
Que vibra e toca no sentimento e na alma de um povo.
Os quais hoje vivem livres e libertos de opressões em suas aldeias.
Os quais antes não tinham essa liberdade.
Aqui deixo meus lamentos e não paro de lutar.
Pois sou galho de uma árvore que morreu e ressuscitou.
Para dar vida a quem nos galhos dela está.
A vida que refiro é do povo Xacriabá. (XACRIABÁ, José Nunes, 1998, p, 31).*

José Nunes atuou como professor, diretor e posteriormente no ano de 2004, o primeiro indígena Xakriabá eleito prefeito de São João das Missões.

Em virtude da grande perda que tivemos no dia 12 de fevereiro de 1987, fazemos todo ano um movimento em memória na aldeia Itapicuru com a participação de todas as aldeias do povo Xakriabá. Esta celebração consiste em relembrar a luta daqueles que perderam a vida para ter o território de seu povo livre. Nesse dia a participação da juventude marca esse movimento.



Figura 8: Aikte Xakriabá (Crianças Xakriabá) no movimento em memória dos mártires na aldeia Itapicuru – Foto: Edvan Srêwakmôwê Xakriabá 2018

A foto acima foi tirada durante a caminhada que faz parte do movimento que acontece todo ano dia 12 de fevereiro para relembrar a luta de nossos ancestrais. As duas crianças lideravam a frente da caminhada.

A presença das crianças durante este momento é algo que exige uma mobilização constante dentro das aldeias, pois as nossas lideranças, nossos mais velhos salientam que a luta, as histórias, os contos, são passados de geração em geração. Esse ato de transmissão da história oral fortalece o encontro e apresenta as nossas crianças e juventude, a essência da luta que nossos ancestrais carregavam.

3.2. “Ou nós vamos para a luta, ou a luta vai até nós”

A expressão usada acima tem muito a ver com nosso processo de luta, uma vez não há caminhos para que possamos nos desvencilhar dela, ou pelo menos nos ausentar ou se neutralizar diante disso. Ir à luta nunca foi fácil, falo numa experiência para além do território, mas para elucidar mais claramente, digo que nós povos indígenas vivemos em meio às lutas diárias e ir à luta também é uma das formas estratégicas, pois ser pego de surpresa nessa ausência estratégica nos faz corpos mais vulneráveis.

Me recordo que no mês de abril de 2017 estávamos no ATL (Acampamento Terra Livre), movimento de mobilização dos Povos Indígenas do Brasil que acontece em Brasília em torno de seus direitos constitucionais, que acontece anualmente desde o ano de 2004. A juventude Xakriabá, através de caciques e lideranças, começou a frequentar esse espaço somente no ano de 2015. Antes disso o povo Xakriabá era meio que invisibilizado no cenário nacional, como relata SANTANA (2020) através de entrevista cedida por Edgar Kanaikô:

“[...]A participação e mobilização do povo Xakriabá se destaca a partir da participação da juventude no Acampamento Terra Livre, como foi à participação dos Xakriabá nesse evento, esse já é o se não me engano o décimo quinto acampamento, já quase quinze anos de acampamento, o Xakriabá sempre foi digamos assim um povo mais invisibilizado no cenário nacional e a partir daí o povo Xakriabá começou a participar, principalmente a juventude de frente assim... E começou a ter mais visibilidade dentro do próprio movimento e principalmente ATL... Isso foi a partir de 2015 a 2016, fortaleceu mais ainda a questão da juventude dentro de todos os espaços e deu mais visibilidade também inclusive fortaleceu fora e dentro do território. Assim sempre junto com os mais velhos, costumo dizer assim, como temos a escola aprendemos a ler e escrever, o espaço do movimento do dia a dia de luta é que nos ensina mais ainda, tenho certeza que para nós essa é a principal escola que nos ensina o próprio modo de vida de como tem que lutar junto[...].” (SANTANA, 2020, p, 32).

Nesse sentido, percebe-se que, desde a criação da escola, a mesma continua sendo peça importante no processo da leitura e escrita; porém a formação Xakriabá se dá muito além disso. Os movimentos de luta é um dos, senão o maior formador da juventude Xakriabá. Essa coletividade e introdução dos jovens nos processos de luta, juntamente com lideranças caciques e mais velhos, associado juntamente aos processos de escolarização e ocupação dos espaços acadêmicos, tem fortalecido esse engajamento.

3.3. Primeiro encontro da juventude Xakriabá

O fortalecimento e o protagonismo Xakriabá se fortaleceu nos últimos anos, assim bem como a nomenclatura “juventude”, mencionada neste trabalho em discussões anteriores a esta. Para formar e consolidar esse processo a partir da base, o conselho interno de caciques, lideranças e mais velhos decidiram incentivar a criação de grupos de jovens nas aldeias, visto que a extensão do território impossibilitava, ou dificultava na organização e até mesmo na comunicação entre os mesmos. São vários os grupos de jovens, sendo que quase toda aldeia possui um, porém apesar dessa variação quantitativa, o foco são os mesmos e os grupos são interligados. Cada grupo possui um, ou mais integrantes no qual o papel fundamental é orientar, liderar os demais e intermediar juntamente com outros grupos as discussões/assuntos com os caciques e lideranças.

O propósito da formação de grupos também visa o fortalecimento da cultura e língua materna. A forte presença dos rituais nos encontros é marcante, assim como a roda de contação de histórias num ritmo aleatório. O incentivo cultural, as orientações acerca da identidade, costumes, conhecimentos e até mesmo informações internas também são pautados dentro dos grupos. Por essa questão e outras questões internas, a orientação aos jovens é sempre manter segredo do que é repassado a eles e de que forma esse movimento acontece durante os encontros, mantendo segredo e respeitando a tradição cultural, assim como a fala de Célia Xakriabá representa bastante a prudência com tais assuntos, “o sagrado é segredo, e vice-versa”.

Praticamente todos os dias surgem novos ataques aos povos indígenas. É visível que a postura do Estado Brasileiro representado nas três principais bases de poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) viola os direitos indígenas diante de políticas fascistas, ou na ausência de políticas sociais que contemplam a demanda desses povos.

Diante disso e de outras preocupações é que foi pensado e realizado o I Encontro da Juventude Xakriabá, no decorrer dos dias 17, 18 e 19 de outubro do ano de 2017. O encontro foi realizado na aldeia Imbaúba, com o seguinte tema: “*Juventude Xakriabá, e Missão: Um pé na aldeia, um pé no mundo, construindo caminhos para o fortalecimento do projeto do “Bem Viver”*”. Para realização do encontro, foram feitas outras reuniões com menos proporções, reunindo apenas com os representantes de cada grupo de jovens, caciques e lideranças, antecedendo ao encontro principal. O objetivo dos encontros

menores foi discutir as pautas a serem abordadas no I Encontro da Juventude, ao mesmo tempo pensar estratégias, logística do encontro, estrutura, recepção e até mesmo buscar parcerias que contribuíssem para realização e discussão das temáticas.

O encontro teve a participação de jovens de todas as aldeias, reunindo cerca de 1000 jovens no decorrer dos três dias e contou também com a presença de outras duas etnias, na representação de dois jovens lideranças indígenas, Pataxó e Tupinambá da Bahia. Visando promover o fortalecimento do encontro, catingueiros, quilombolas, geraizeiros, apanhadores de flores sempre-vivas que fazem parte da Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais estiveram presentes e contribuíram com as discussões. Contamos também com a participação de Nilmário Miranda (Secretário Estadual de Direitos Humanos) e parceiros como CIMI, CAA-NM, IFET e UFMG.

Foi um momento muito importante para nós juventude Xakriabá, principalmente para minha turma de colegas graduandos em Ciências Sociais e Humanidades pelo FIEI/FAE/UFMG, pois o nosso encontro inter-modular que acontece no território, pode ser realizado também juntamente ao I Encontro da Juventude Xakriabá, tornando assim as relações mais efetivas e possibilitando que nós, estudantes universitários do curso do FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) tivéssemos a oportunidade de experienciar através da prática, a interculturalidade absoluta que o curso nos proporciona.

Nesse momento sinto necessidade de mudar um pouco do assunto a ser relacionado, e relatar mais detalhes da importância dessa presença da universidade no encontro. A UFMG sob o curso FIEI, na presença dos ilustríssimos professores, fortaleceu um dos principais conceitos do povo Xakriabá, ou até mesmo da maioria dos povos indígenas do Brasil, onde se diz o seguinte: “o pátio da nossa escola é o nosso território”. E quando uma universidade se faz presente no território, principalmente num momento igual a este, nos faz crer que, ainda que o conhecimento universitário científico tenha a contribuir conosco, os professores FIEI reconhecem que esse processo de formação para se mostrar mais eficiente, tem que passar por nossas bases, relacionando os conhecimentos acadêmicos com conhecimento tradicional do nosso povo.

Naquele ponto, uma das principais coisas que estavam em jogo e era um dos pontos centrais da pauta, era a permanência dos estudantes indígenas nas universidades. Ver alguns dos membros do corpo docente da UFMG presentes no encontro, naquele momento nos fez perceber que, embora o Governo Federal não quisesse permitir o ingresso de novos estudantes indígenas e até mesmo assegurar a permanência dos discentes que já estavam no meio acadêmico, aquilo nos fez perceber que ainda tínhamos

fieis aliados e que entendiam os nossos objetivos. A mescla dessa parceria, assim como as demais, em coletividade, enriqueceram as discussões.

Seguindo a linha de raciocínio da realização do primeiro encontro, estava sendo pensado o planejamento para o segundo encontro, o que acabou não sendo possível, devido à perda de um dos nossos anciões, como descreve Daiane Santana ao relatar sobre a percepção para o segundo encontro.

As expectativas eram que após a realização do segundo Encontro continuassem as pesquisas e as avaliações das mudanças de que ocorreram de 2017 a 2019, mas não foi possível devido ao falecimento de um ancião próximo à Aldeia Brejo Mata Fome conhecido como (Silú) um dos pilares de resistência Xakriabá por isso, o evento foi cancelado sem previsão de data para acontecer (SANTANA, 2020, p. ...).

Até então não foi possível a realização do Segundo Encontro da Juventude, primeiramente pelo motivo citado acima, segundo pelo momento de pandemia que estamos enfrentando, porém estamos retomando as conversas sobre o referido assunto.

Foi nesse sentido que nos reunimos no dia 19/07/2021 juntamente com caciques e lideranças para discutir sobre planejamentos da juventude, que girou em torno de três pontos centrais: a possível ida para o ATL 2021(Acampamento Terra Livre); o planejamento para o Segundo Encontro da Juventude Xakriabá; e a possibilidade de viajem também para Brasília para o Encontro das Mulheres Indígenas no mês de setembro deste mesmo ano.

Desta forma, apresento aqui uma pequena ata da reunião feita por mim, no sentido de apresentar alguns detalhes do encontro:

Reunião da Juventude Xakriabá, Caciques e Lideranças

Aldeia Prata 19/07/2021 13 horas da tarde

Local: Casa da liderança da aldeia Prata, Sr. Valdemar

Chegamos ao local muita gente já se encontrava ali reunida, conversando enquanto dava início a reunião. Ali naquela ocasião, o local escolhido foi a sombra de uma árvore. Uma árvore chamada ninho. Árvore que não é nativa da nossa região. Plantada no quintal de casa, ela continua verde durante todo o ano, com um pouco de água que é jogado nela.

Para iniciar os trabalhos foi feita a oração católica e o cântico ritual Xakriabá.

Início da fala com o S.r. Valdemar, liderança da aldeia Prata, onde o mesmo antecipou agradecimentos ao pessoal ali presente e destacou a importância dos tópicos a serem abordados. Logo em seguida o direito a fala foi passada para o cacique Domingos, que fez complemento a fala do Sr. Valdemar e ressaltou a importância do encontro.

A reunião foi pensada com intuito de expor os planejamentos da juventude para avaliação dos Caciques e Lideranças. Segundo Geovane Xakriabá, filho do cacique Domingos: “o principal objetivo é alinhar e apresentar as ideias da juventude para as lideranças, uma vez que demandas e movimentos são planejados, mas para isso acontecer é preciso o aval dos Lideranças”.

Com mais esta iniciativa da juventude, reafirma-se a ideia e o compromisso firmado de serem não possíveis sucessores das lideranças, mas sim pilares de sustentação dos mesmos, atuando coletivamente com a organização interna.

Durkwa um dos jovens Xakriabá, afirma que toda e qualquer ação será sempre em diálogo com a organização interna, ressaltando ser de fundamental importância esse segmento. Ainda segundo ele, levantar questões e demandas para ações coletivas é o objetivo. Nesse momento, foi colocado em pauta o planejamento para o Segundo Encontrão da Juventude Xakriabá, pensado para acontecer no próximo ano (2022), no mês de fevereiro, coincidindo com o mês em nos reunimos em memória de nossos ancestrais que tombaram durante a luta.

CAPÍTULO 4 – BARREIRA, MONITORAMENTO E ENFRENTAMENTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

4.1. As principais ações frente à ameaça da COVID-19

Uma das primeiras ações frente a ameaça eminente da COVID-19, foi a restrição do acesso a pessoas estranhas no Território Xakriabá. Por meados do mês de março deste ano o Conselho Interno de Caciques e Lideranças, pensando no bem comum, visando proteger o Povo Xakriabá, principalmente resguardar os nossos anciões que são as nossas bibliotecas de histórias vivas, decidiram por meio desse coletivo restringir o acesso a pessoas estranhas dentro no Território Xakriabá, salvo o pessoal que abastece as mercearias com produtos/mercadorias considerados essenciais para a população, dentre outros tipos de serviços. Essa decisão de se deu visto que o avanço do Coronavírus (COVID-19) se propagava muito rápido nos municípios do Norte Mineiro e até mesmo nos municípios vizinhos.

Dentre as primeiras ações que surgiam, uma delas foi a redução de acessos, ou isolamento de alguns acessos ao território, pois isso facilitava para que os grupos pudessem se organizar de forma/maneira mais compacta, e que pudéssemos ter mais eficácia nos bloqueios. As mobilizações foram expandidas dentro de todas as aldeias do território Xakriabá.

A foto abaixo mostra e faz referência a uma das primeiras ações nas entradas do território Xakriabá. Foi tirada após a instalação da faixa de aviso de restrição de entrada. Esse é um dos acessos ao território Xakriabá na Aldeia Itapicuru, divisa entre os municípios de São João das Missões e Manga.



Figura 9: Faixa de aviso no acesso aldeia Itapicuru, representando uma das primeiras ações realizadas.
Foto: Edgar Corrêa Kanaikō, 2020

Um segundo momento/etapa desse movimento para restringir o acesso ao território foi feito alguns dias depois, com o objetivo de fortalecer a proteção do nosso povo. Devido às informações de que o avanço da pandemia se tornava cada vez mais alarmante, essas iniciativas visavam orientar o nosso povo quanto à preocupação para que não surgissem indígenas do nosso povo infectado. Barrar a entrada de pessoas estranhas, bem como restringir o acesso até mesmo àquelas pessoas que tinham fácil acesso e muitas delas conhecidas pelo fato de ter várias comunidades não indígenas que se relacionam com o nosso território. Essa segunda etapa se consolidou na colocação de cancelas e correntes em nove das entradas; em algumas delas foram montadas contenções com terra e cercas bloqueando a passagem. Os próprios guerreiros e guerreiras faziam a vigia em tempo integral das entradas. Se dividiam por aldeia, ou por região do território.



Figura 10: Um dos grupos de guerreiros Xakriabá atuando nas barreiras—Foto: Edgar Corrêa Kanaikõ, 2020.

Todos nós vivemos uma modificação significativa em nossas vidas. Tudo mudou drasticamente num piscar de olhos. Hábitos, costumes, vivências socioespaciais, confraternizações e até mesmo os nossos rituais coletivos. Hoje em dia, com tudo isso que temos passado, temos ficado mais tempo com nossa família, mas também temos perdido tempos preciosos. São tempos em que ficamos estarrecidos com escancaramento das desigualdades sociais presentes no nosso país, que até então era mascarada pelo fascismo, pelo negacionismo, pela incompetência de um desgoverno negando nosso direito, alimentando o ódio, a invasão de nossos territórios mesmo em tempos de pandemia e autorizando o genocídio de nossos parentes indígenas praticamente todos os dias. É também um etnocídio, pois nossos anciões são nossos troncos, nossa bibliografia viva: uma vez autorizado isso, mata-se também as nossas histórias, nossas culturas.

4.2. Monitoramento comunitário na Terra Indígena Xakriabá

Desde o início da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), com as possíveis chances de chegar ao nosso território, o nosso coletivo de organização interna Xakriabá, seguiu pensando contrapartidas que amenizassem, ou evitassem os impactos causados para com as pessoas e movimentos dentro do território. Em parceria com professores e bolsistas foi elaborado e colocado em prática o Monitoramento Comunitário na Terra Indígena Xakriabá. Desde o mês de abril/2020, até meados do mês de setembro/2020 estivemos atuando nas barreiras sanitárias nos acessos ao nosso território. Nossa cotidiano mudou drasticamente no soar dos primeiros casos nas proximidades do nosso município.

O Monitoramento Comunitário na Terra Indígena Xakriabá, realizado pelos Xakriabá e idealizado por um grupo de pesquisadores da UFMG/UFPA/Univ. Sheffield, foi implementado nesta pandemia do Covid-19 com o objetivo de rastrear possíveis rotas de contágio e produzir informações precisas e relevantes para auxiliar as equipes de saúde locais, visto que seria preciso ações objetivas que surtissem impactos de imediato.

Os próprios indígenas eram os responsáveis pela coleta, sistematização e processamento desses dados. Estavam envolvidas pessoas de todas as aldeias e teve participação direta de servidores da educação, da saúde, estudantes das escolas locais, estudantes universitários, dentre outros.

O Monitoramento Comunitário na TIX é desenvolvido por meio de uma rede colaborativa intercultural entre Xakriabás e pesquisadores vinculados ao Grupo de pesquisa UFMG/UFPA/Univ. Sheffield. Esta ação, emersa de forma emergencial frente aos avanços da pandemia de COVID-19 no Brasil, tem como objetivo central trabalhar na produção e aplicação de ferramentas de coleta de dados e no encaminhamento e análise das informações sobre o fluxo de entrada e saída de pessoas da TIX. Deste modo, busca-se auxiliar no rastreamento de possíveis rotas de contágio e na tomada de decisão nos âmbitos do sistema de saúde local, das lideranças e das famílias indígenas.

A metodologia do monitoramento, desenvolvida de modo colaborativo e remoto, tem sido dividida em três atividades distintas a citar: a) Coleta de dados; b) Sistematização e processamento de dados; e c) Análise e uso de dados. Parte das atividades é desenvolvida localmente pelos colaboradores indígenas Xakriabá e outra parte é desenvolvida pela equipe de pesquisa coordenada pelos professores Ana Maria R. Gomes, Marden B. Campos e Roberto L. M. Monte-Mór da UFMG.

A *Coleta de dados* contempla a produção e uso de instrumento para registro dos dados primários – ficha física para anotações a caneta; a

instrução para preenchimento do instrumento; e parte do processo de transmissão dos dados primários, na produção de fotos das fichas físicas. À *Sistematização e processamento de dados* somam-se as ações de transmissão e organização das fotos das fichas físicas em plataforma de nuvem; produção e instrução de uso das planilhas para tabulação dos dados; digitação dos dados coletados; consolidação dos dados coletados e organização dos arquivos produzidos na plataforma de nuvem. A última atividade, de *Análise e uso de dados* prevê a produção de relatórios com indicadores; e a transmissão das informações, mais “lapidadas”, aos polos locais de saúde e lideranças Xakriabá. (*Grupo de pesquisa UFMG/ UFPa/Univ. Sheffield*

Grupo de Monitoramento Comunitário na Terra Indígena Xakriabá (TIX) Metodologia Colaborativa Remota, 2020.

A Barreira no acesso da Aldeia Itapicuru se organizava por escola sede, assim fortalecendo as relações da escola com o território. Usamos dois cronogramas, já que no acesso em nossa aldeia eram duas escolas sede atuando. A Escola Estadual Indígena Bukikai que tem como anexos as seguintes aldeias: Sapé, Santa Cruz e São Domingos. No entanto, somente faziam parte deste quadro pessoas das aldeias Itapicuru e Sapé, pelo fato de em Santa Cruz e São Domingos haver um acesso onde realizavam o mesmo trabalho. A Escola Estadual Indígena Mambuka que tem como anexo as aldeias Barra do Sumaré I e II.

PERÍODO/ HORÁRIO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
MANHÃ 06:00 ÁS 12:00	BUKIKAI	BUKIKAI	BUKIKAI	BUKIKAI	BUKIKAI	BUKIKAI	BUKIKAI
	VANUZA VALTEIR DULCIANO GILMARA SILMARA JOZIAS YARA	ROBSON EUSÉLIA LUIΣ JOELMA MARILENE	ADELSON EDIENE MARIA JORLÀ JAIR ALENCAR RAÍSSA	REINAN REGIANE MIGUELINA ELIANA ARVELINO	EDVAN IVANEIDE ZENILDE MERENICE FAGUIM RORY HOSANA YARA JORLÀ	PATRÍCIA REINAN REGIANE LUIΣ JOELMA MARILENE	VANUZA VALTEIR DULCIANO GILMARA ROSINAIDE SILMARA ANA PAULA CLEITON JAIR
TARDE 12:00 ÁS 18:00	PATRÍCIA JOANA DOMINGAS DEVAIR DOMINGO MANEL	EDVAN IVANEIDE ZENILDE MERENICE RORY FAGUIM HOSANA	EDILSON GISELE SIDNEY SIDICLEY ROBISMAR	RONAN ANA PAULA ADALTON ROMÁRIO LUCAS ROSINAIDE CLEITON	ROBISMAR ELIANA MIGUELINA MANEL SIDICLEY DOMINGAS DOMINGO	ADALTON LUCAS ALENCAR JOZIAS ROSINAIDE RAÍSSA RONAN MARIA EDIENE ADELSON	ROBSON EUSÉLIA GISELE EDILSON JOANA DEVAIR ROMÁRIO ERICK JHON NATALINO

Figura 11: Cronograma de Monitoramento Escola Bukikai – Barreira Acesso Aldeia Itapicuru.

PERÍODO HORÁRIO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO	
MANHÃ 06:00 ÀS 12:00	MORRO FALHADO MÁIDA SANTIM COCO IRENICE JACKSON DOZIM ADMILSON JAN MOTA WARLEY	MORRO FALHADO MÁIDA DOZIM ROSELENE IRENICE M ^ã P APARECIDA N. ROSEMEIRE JAN MOTA WARLEY GUI NAELSON	BARRA II DOMINGO ROSELENE IRENICE BATISTA ROSEMEIRE IRENLDE ROSELI GOMES JAN MOTA WARLEY MARILZA VANUSA	BARRA III ZUCA MERANICE M ^ã P APARECIDA N. ROSEMEIRE IRENLDE ROSELI GOMES M ^ã P APARECIDA O. DAIZA BERNEVAL MAGNA JUCÉLIO	BARRA II DOMINGO MERANICE ROSEMEIRE ROSELI GOMES M ^ã P APARECIDA O. ZÉ DE JACINTO IARA ROMÁRIA LUCIENE P. FAR. GIL ROSELENE MARILZA VANUZA	BARRA II DOMINGO M ^ã P APARECIDA N. ROSEMEIRE ROSELI GOMES M ^ã P DA CONCEIÇÃO MARCELO PATRÍCIA RANIM DOZIM ROSANGELA PIN. TEREZINHA LÉIA	MORRO FALHADO SINEIDE JOÃO ROSELI ALKIMIM M ^ã P DA CONCEIÇÃO MARCELO PATRÍCIA RANIM DOZIM ROSANGELA PIN. TEREZINHA LÉIA	BARRA III MAGNA JUSCÉLIO GENALDO ZÉ DE DUCA ZUCA MERANICE IRENLDE DAÍZA IDE VAGNER ZEZIM
TARDE 12:00 ÀS 18:00	MORRO FALHADO LUCIENE PER. S. LUCIMAR M ^ã P APARECIDA G. JANAINA SOLANGE GILMAR PIN. KEILA CHARLEQUES	MORRO FALHADO LUCIMAR M ^ã P APARECIDA G. JANAINA SOLANGE GILMAR PIN. KEILA HELIO JACKSON	BARRA II JOÃO ROSELI ALKIMIM M ^ã P DA CONCEIÇÃO PATRÍCIA DOZIM ROSANGELA PIN. LUCIENE PER. S. RANIM	MORRO FALHADO BIGO NOÉMIA NAIENE NAELSON LUCIENE PER. S. KATIELE DARDIELE CHARLEQUES HÉLIO	BARRA I NATALINA MARINETE ROSANA ELISANGELA M ^ã P DAS DORES DÓDA IZAEL DUDU RODRIGO BERNEVAL	BARRA I NATALINA MARINETE ROSANA ELISANGELA M ^ã P DAS DORES DÓDA IZAEL SÚ DUDU RODRIGO BERNEVAL	MORRO FALHADO MÁIDA SANTIM CÔCO IRENICE DOZIM ADMILSON JAN MOTA WARLEY TEREZINHA LEIA NAINE NAELSON	

Figura 12: Cronograma de Monitoramento Escola Mambuka – Barreira Acesso Aldeia Itapicuru.

Os cronogramas acima eram compostos apenas por pessoas que faziam parte do quadro de servidores das escolas e alguns estudantes. Isso foi feito somente para controle de atividade das direções escolares. As populações das aldeias não eram inseridas neste quadro, mas se faziam presentes todos os dias. No mês de maio/2020 foi produzida a ficha para coleta de dados. Segue a ficha abaixo:

TERRA INDIGENA XAKRIABÁ

Tabela de informações para monitoramento de possíveis rotas de contágio.

Nome do acesso na TIX: Aldeia Prata

Responsável pelo Registro: _____

TABELA DE FLUXO DE: ENTRADA ().

SAÍDA ().

DATA: _____ / _____ / 2020

Turno: Manhã ()

06:00h as 12:00h

Tarde: (____).

12:00h as 17:00h

Noite: (____).

17:00h as 22:30h.

Madrugada: (____).

Figura 13: Representação da ficha usada na coleta de dados do Monitoramento.

Esta ficha era usada para registro de saída e entrada, sendo que após ser iniciada, deveria ser usada para somente um fluxo (de entrada ou de saída) e preenchida por uma pessoa. Uma única ficha continha dez linhas e apresentava perguntas sobre doenças de risco, destino, motivo pelo qual estava se deslocando, permanência, dentre outras.

Também no mês de maio/2020 fizemos um teste piloto no acesso Riachão/Riacho do Brejo com esta ficha, onde aplicamos algumas para entender como seria esta atividade, e observar como seria a reação das pessoas ao serem abordadas. Esse primeiro experimento nos proporcionou avaliar diversos pontos, e então foi possível se adequar a algumas situações que percebemos que poderia melhorar.

A foto abaixo representa o primeiro teste realizado, momento em que abordamos o veículo do chefe de posto da CTL da FUNAI.



Figura 14: Experiência teste para aplicação das fichas do Monitoramento Comunitário Xakriabá – Foto: Edgar Corrêa Kanaikõ, 2020.

Para a tabulação, ou seja, lançamento dos dados coletados, foi criada uma planilha no sistema Excel, sendo que a representação abaixo foi a última versão, já que anteriormente foram criadas e utilizadas outras três para que se chegássemos a essa versão considerada ideal. A planilha tem o seguinte modelo abaixo:

Figura 15: Representação da planilha utilizada para lançamentos de dados do Monitoramento Comunitário.

Esta planilha continha praticamente as mesmas informações da tabela, porém com alguns detalhes sobre a equipe de digitação. Foram formadas equipes de digitação, a fim de fazer a tabulação o mais rápido possível.

Para facilitar o acesso às informações coletadas e tabuladas, foi criado um e-mail, e com este e-mail, foi criado uma conta/plataforma de nuvem online compartilhado no Google Drive, exclusiva para inserção de arquivos relacionados ao monitoramento. Planilhas digitadas, arquivos de fotos sobre as fichas, relatórios, tudo isso inserido em pastas organizadas em um único drive.

Logo abaixo, em representação na foto, um Boletim Informativo da Terra Indígena Xakriabá, criado pelo povo Xakriabá, em parceria com a Organização Interna e também com as equipes de saúde, chefiado pelo então enfermeiro Maciel Xakriabá, com o objetivo de deixar informados e orientar a população na prevenção contra o Covid-19.

BOLETIM INFORMATIVO DA TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ

Atualizado em 28 de junho de 2021

CASOS NOTIFICADOS	1081
TESTES REALIZADOS	865
POSITIVOS	207
NEGATIVOS (POR TESTE RÁPIDO E PCR)	550
CURAS	196
INTERNACÕES	6
ALTAS	1
ISOLAMENTO DOMICILIAR	10
RESULTADOS PENDENTES	24
DESCARTADOS/CRITÉRIO CLÍNICO EPIDEMIOLÓGICO	192
ÓBITOS	5
ÓBITO EM INVESTIGAÇÃO	0

POR ALDEIA	CASOS	CURA	ÓBITO
TERRA PRETA	1	1	
RIACHÃO	1	1	
PINDAÍBA	1	1	
IMBAÚBA	1	1	
RIACHO DO BREJO	1	1	
BARRA DO SUMARÉ	2	2	
SÃO DOMINGOS	3	2	1
MORRO VERMELHO	3	3	
PEDRA REDONDA	2	2	
SUMARÉ I	3	3	
VARGEM	3	3	
SUMARÉ III	3	3	
CARAÍBAS	3	3	
CAATINGUINHA	4	4	
SUMARÉ II	7	6	1
RIACHINHO	5	5	
MORRO FALHADO	6	6	
ITAPICURÚ	7	7	
SANTA CRUZ	14	14	
VARGEM GRANDE	15	15	
SAPÉ	15	14	1
BARREIRO PRETO	23	22	1
PRATA	18	18	
BREJO	23	23	
RANCHARIA	43	36	1



Fonte: ORGANIZAÇÃO INTERNA DO POVO XAKRIABÁ

Figura 16: Boletim informativo da Terra Indígena Xakriabá – Fonte: Organização Interna do Povo Xakriabá. Atualização em 28 de junho de 2021.

Tive atuação de forma ativa nas atividades, desde as primeiras discussões, até a implantação do Monitoramento. No início, fui contatado pela então professora da UFMG/FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) Ana Gomes para ajudar na discussão da proposta dentro do território. Tivemos a participação de quase 100% dos estudantes do FIEI e de outras áreas neste monitoramento e também o envolvimento dos servidores do campo escolar e alunos, o que torna mais evidente que, mais que estudantes de Licenciatura Indígena de uma universidade renomada, mais que professores, ou qualquer posição que ocupamos, continuamos com a forte ligação com o nosso território e nosso povo.

No monitoramento eu fazia um pouco de tudo. Coordenava os grupos do acesso à minha aldeia, fazia parte dos grupos de coleta de dados através das fichas, atuava da tabulação dos dados e sistematização ou inserção dos arquivos no drive, dentre outras que envolviam questões sobre o monitoramento. Recentemente tive participação também na roda de conversa da equipe de pesquisa UFMG/UFPA/Univ. de Sheffield para falar sobre o Monitoramento Comunitário no Território Xakriabá.

Para concluir, digo que estamos vivendo dias sombrios. Dias esses que trazem muitas incertezas. Estamos ansiosos em voltar a normalidade, mesmo que a normalidade nos dias de hoje também nos traga medo. Devemos construir novas cosmovisões de mundo, para que haja novos meios, novas ideias que andam juntas. Para nós povos indígenas tem sido mais um desafio, mais uma luta dentre as várias pelos quais nossos ancestrais já passaram anteriormente.

4.3. Resultados obtidos

O Monitoramento foi de grande importância para nós Xakriabá, tendo vista que nem mesmo nós tínhamos noção do quanto grande e importante seria esse desafio. As informações coletadas ao longo do período de monitoramento tiveram uma relevância tremenda, e contribuíram muito com o coletivo e principalmente com as equipes de saúde das nossas aldeias. Este foi um aprendizado para além de monitoramento, nas barreiras também era um espaço para nosso fortalecimento cultural, pois ali também tinha em alguns momentos os cânticos tradicionais, uma roda de conversa ao redor da fogueira, contação de histórias, produção de artesanatos, dentre vários outros momentos que foram marcantes.

Assim que se constataram os primeiros casos da doença, com os dados obtidos foi possível identificar as rotas por onde as pessoas infectadas teriam transitado. Isso possibilitou uma ação mais imediata das equipes de saúde. Com o monitoramento foi produzido dados ricos em informações, contribuindo para além dos fins para que foi implantado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao processo de construção deste trabalho, procurei focar em questões centrais nas quais geravam dúvidas sobre seu entendimento. Ao analisar os entendimentos acerca do termo juventude, foi possível perceber que, apesar de ser uma palavra nova dentro do território Xakriabá, há muito tempo já havia uma participação efetiva dos mesmos, porém não usavam de uma classificação categórica para identificá-los. Através das pesquisas percebe-se que, a Juventude em parceria com o conselho interno de caciques e lideranças tem uma participação ativa nos processos de retomada do território, além de terem conquistado espaços nos diálogos e elaborações de ações estratégicas. Ao reafirmar a frente das lideranças o compromisso de dar continuidade à luta feita por eles e por nossos ancestrais, a Juventude tomou pra si mais responsabilidades, refletindo esse comprometimento em práticas coletivas que fortalecem a cultura, a identidade e a luta Xakriabá.

A Juventude Xakriabá tem se mostrado presente em todos os movimentos, desde a luta no território, as lutas para além dele. Os mesmos tem se destacado diante das lutas coletivas juntamente com outros povos em Brasília e em outros lugares, sendo reconhecidos no âmbito nacional e até mesmo internacionalmente. Este é somente o segundo trabalho acadêmico com o propósito de trazer e apresentar destaques para a luta da Juventude, mas tenho esperanças de que possam vir muitos outros. Não somente trazendo as mesmas abordagens, mas também as conquistas futuras que virão como fruto desta luta.

Muito já se ouviu dizer que, como Juventude somos o futuro, mas atualmente essa fala teve mudança. Muito se tem dito agora que o futuro vai depender de nós Juventude como corpo presente na luta pela ampliação do nosso território e pela garantia dos nossos direitos, para que possamos garantir o futuro que terão nossos filhos e netos como herdeiros da nossa luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Gersem. Prefácio. In OLIVEIRA, Assis da Costa e RANGEL, Lúcia Helena (orgs). **Juventudes Indígenas: Estudos interdisciplinares, saberes interculturais. Conexões entre Brasil e México.** 1^a edição. Rio de Janeiro: Epapers,2017.

CIMI, Um pé na aldeia, um pé no mundo: Juventude Xakriabá segue os passos da resistência histórica do povo. Em seu 1º Encontro da Juventude, os herdeiros da luta Xakriabá unem-se à labuta de seus caciques, pajés e lideranças. CIMI, Terra Indígena Xakriabá, Outubro de 2017.

CORRÊA XAKRIABÁ, Célia Nunes. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: Reativação da memória por uma educação territorializada.** Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável (UnB), Brasília, DF, 2018.

OLIVEIRA, Assis da Costa e RANGEL, Lúcia Helena (orgs). **Juventudes Indígenas: Estudos interdisciplinares, saberes interculturais. Conexões entre Brasil e México.** 1^a edição. Rio de Janeiro: E-papers, 2017.

ABREU, Werly Pinheiro de Abreu, (Dogllas). **Onde houver Xakriabá, haverá resistência! violações dos direitos indígenas no caso Xakriabá durante a ditadura militar.** 2018. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

SILVA, Cássio Alexandre da. **A natureza de um território no sertão no Norte de Minas Gerais: a ação territoriar dos Xakriabá.** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia: 2014.

SANTANA, Daiane Gomes. **Juventude Xakriabá: protagonismo luta e resiliência um pé na aldeia, um pé no mundo.** 2020. [59] f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.